M. L. ESTEFANIA

# EXIBIÇÃO DE MORTE

# EXIBIÇÃO DE MORTE

Arizona

TITULO ORIGINAL

# EXHIBICION DE MUERTE

---

Edições da

**Agência Portuguesa de Revistas**

**LISBOA**

Mãos de Fada
Mundo de Aventuras
Plateia
Colecção Condor
Colecção Cinema
Colecção Rosa
Colecção Pimpinela
Colecção Serviço Secreto
Colecção Bisonte
Colecção Andorinha
Colecção Detective
Colecção Madrepérola
Colecção Búfalo
Colecção F. B. I.
Colecção Camélia
Colecção Orquídea
Colecção Cristal
Colecção Crime
Colecção Texas
Colecção Ciência e Ficção
Colecção Heróis do Deserto
Colecção Arizona
Colecção Pérola
Colecção Amorzinho
Colecção Vénus
Colecção Violeta
Colecção Negra
TV Magazine
Romance

e album para ilustrar com estampas coloridas

COLECÇÃO
ARIZONA

M. L. ESTEFANIA

# Exibição de morte

TRADUÇÃO DE
*NEVES REIS*

*AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS*
LISBOA

*Reservados os direitos pela legislação em vigor*

VOLUMES PUBLICADOS:

1 — Tragédia em Arizona

2 — Tiros em S. Francisco

3 — O desfiladeiro do Trovão

4 — Castigo implacável

5 — Ladrões de gado

6 — Cavalheiros com pistolas

7 — Serpentes humanas

8 — Emboscada

9 — Cactus Joe

---

**COLECÇÃO ARIZONA — Número 10 — Edição de Aguiar & Dias, Lda. Todos os direitos reservados para Portugal em conformidade com a Lei, na apresentação, distribuição e conjunto da obra. Distribuidores e depositários: Agência Portuguesa de Revistas, Rua Saraiva de Carvalho, 207-P, Telef. 668639 — Lisboa, Portugal. Composto e impresso na Sociedade Astória, Lda., Regueirão dos Anjos, 68-70, Lisboa**

— Atende bem os tipos que estão naquela mesa, Celeste... São importantes...

A rapariga olhou para a mesa indicada.

Nela estavam quatro homens vestidos com uma certa elegância, os quais falavam uns com os outros animadamente.

Com a desenvoltura que tornara Celeste famosa entre a clientela do «saloon», caminhou decidida para eles.

Os do grupo contemplaram-na um tanto surpreendidos, porque a beleza da pequena era algo excepcional naqueles lugares.

— Querem tomar alguma coisa — perguntou sorrindo.

— Por que não te sentas connosco? — disse um deles.

— Tenho de servi-los primeiro. Não posso fazer-me servir por uma companheira — explicou ela.

— E se nós pedirmos ao dono da casa — inquiriu outro.

— Não pode fazer excepções... Arranjaria um compromisso de dois em dois minutos. É melhor que os sirva e, se não for reclamada por outros clientes, sentar-me-ei gostosamente a vosso lado. Vê-se que são cavalheiros de verdade e asseguro que não abundam por aqui...

Os quatro riram satisfeitos.

— Está bem — disse um deles. — trás duas garrafas de champanhe e não te esqueças de um copo ou de uma taça para ti.

Celeste afastou-se e, ao mirar o dono da casa, piscou-lhe um olho picarescamente.

Mais tarde esteve com os quatro mais de duas horas sentada à mesa. Falaram entre si, sem ter em conta a presença da rapariga, excepto um deles que falava de vez em quado com Celeste para lhe perguntar como ia a vida na cidade.

Quando os quatro se ergueram para sair, um deles ficou de voltar para ver Celeste.

— Eram «importantes», não é verdade? — disse o dono, sorrindo. — Beberam quatro garrafas de champanhe.

— Gastaram cem dólares, que é o que te interessa — respondeu Celeste.

— Tudo o que há nesta casa e quanto na mesma se ganha, poderia ser teu se quisesses...

— Não me agrada voltar ao costume! Já me conheces... Quero estar entre estes espinhos sem fazer sangue — disse Celeste afastando com uma mão o rosto do proprietário do estabelecimento, o qual se aproximara muito dela para lhe falar...

— Terás que te enamorar de alguém.. — disse ele.

— Procurarei que tal não me aconteça... O que desejo é ter um local como este e ganhar muito dinheiro para regressar a certa cidade, onde se riram muito de mim quando era pequena... Nunca o pude esquecer!...

— É um sonho que podes realizar... Casa-te comigo

o iremos uma temporada para Nova Orleães! Invejar-te-ão todas as que se riram de ti!

— Ainda se ririam mais. Não conheces aquela terra. Tu não podes passar por um cavalheiro em nenhum sítio; Trazes, como as hienas, um cheiro característico contigo.

— Acabarás por me enfadar, Celeste...

— Não deverias obrigar-me a falar assim. Já me conheces. Só sei indicar as còisas por um nome: o próprio.

— Não me agrada que me insultes — protestou ele.

— Não é insultar-te... É dizer o que penso. Tu não conheces, como eu, aquela cidade. Os cavalheiros são-no deveras e sabem dintinguir os que, como tu, vestem como tais, mas sem o ser. E não quero que se riam de mim outra vez. Embora não o acredites, pertenci a uma dessas famílias distintas. O meu pai adquiriu o vício da bebida e do jogo... E deu cabo de tudo em poucos anos... Enfim, não quero pôr-me triste. Bebi champanhe e acontece-me sempre o mesmo... Não sei porque dizem que é a bebida da alegria. A mim entristece-me sempre...

E afastou-se do dono da casa.

Este contemplou-a, sorridente. Mas não podia ocultar que estava desgostoso.

No dia seguinte, já tarde, apresentou-se o que tinha prometido vir vê-la.

— Vamo-nos embora amanhã!... Já ontem ouviste falar dos nossos projectos... Tenho de ir para dirigir um troço de caminho de ferro...

— Deve ser bonita essa vida ao ar livre e conquistando à Natureza o que ela considera exclusivamente seu... Sobretudo quando vos embrenhais nas montanhas.

Gostaria de estar uns tempos a presenciar esses trabalhos — disse Celeste.

— Podes vir connosco.

— Deveras? — perguntou ela, contente como uma criança.

— Afirmo-te. A Companhia permite que se instalem cantinas para que os trabalhadores tenham onde beber e não se afastem demasiado do seu trabalho... É possível que consiga do director que, nesse troço, te conceda a ti a cantina. Não te ofereço para me casar contigo, porque já sou casado. E posso assegurar-te que a minha mulher é muito boa. Parece-se um pouco contigo e tu fazes-me lembrar dela...

Celeste ficou pensativa.

Oferecia-se a oportunidade de principiar o que ela tanto desejava.

— Poderei deveras conseguir essa cantina?... Mas há uma dificuldade enorme. É pouco o dinheiro que tenho economizado e há-de ser muito o necessário para isso...

— Pode ser que o arranjemos com a Companhia... Falarei amanhã cedo com o director e, antes de marchar, visitar-te-ei... Ou estarás aqui pela manhã também?

— Não saio desta casa. É hoje todo o meu mundo — disse ela com tristeza.

— Bem... Agora dancemos e amanhã espero dar-te uma boa notícia. Asseguro-te que poderás fazer uma fortuna.

— Não sabes quanto o desejo! — disse ela, sincera. — Mas não é para ser rica, é por qualquer coisa que me anda a bulir aqui — e bateu na testa — há uns anos...

Falaram muito e acabou por dizer ao engenheiro o que passara quando pequena em Nova Orleães...

— ...e quando os abutres ficaram por uma miséria com o que era meu, só meu e do que meu pai não podia dispor, e eles sabiam-no, tivemos que sair de lá para peregrinar pos muitos sítios, até que chegámos ao Oeste. Vinha à procura de ouro. Queria fazer-se rico e voltar a comprar o que lhe haviam tirado, sendo meu. Meu pai dizia muitas vezes que eu, com um bom advogado, podia recuperar tudo, metendo-o a ele na cadeia. Pobrezinho! Um dia morreu no quarto que tínhamos num hotel de Oroville. Vi-me sòzinha, já uma mulherzinha, como ele dizia, carinhoso. Não encontrei no meu aturdimento outra saída senão esta. E desde então trabalhei entre tanto lodo, mas com o cuidado de não sujar os vestidos...

— Não chores! Creio que poderás voltar à tua terra e procurar um bom advogado que te faça justiça. Agora já não tens que recear por teu pai — disse o engenheiro, emocionado

— Deus te pague, se me ajudares nisso! Nada te ofereço em troca! Não quero enganar-te — disse Celeste.

O engenheiro mirou-a, um tanto carrancudo e replicou:

— Não tens motivos para me insultar!

— Perdoa-me. Estou algo nervosa! Sucede-me sempre o mesmo quando relembro o passado.

— Não tens parentes em Nova Orleães? — perguntou o engenheiro.

— São os que ficaram com o que sabiam que era meu... Uns miseráveis!

— E amigos?

— Era muito nova quando saí de lá... Só tinha catorze anos.

— Tentarei ajudar-te... Se conseguirmos a cantina para ti, arranjarás dinheiro, mas tem em conta que se trata de um caminho de ferro em construção... Não podes fazer uma ideia, se ainda não viste... Todas as paixões, as mais baixas e até, é possível, as mais nobres, surgem entre as centenas de aventureiros admitidos no trabalho mais rude da terra...

— Nada disso me assusta... Estive em regiões mineiras e não julgues que são melhores que as do caminho de ferro... Sei defender-me... E, se for preciso, disparar com acerto. Isso não deve constituir preocupações para a ajuda que me ofereces e que, de todos os modos, te agradeço do coração. Gostaria de conhecer tua mulher para lhe dizer o bom que és e que estou orgulhosa de ti...

— Auxiliar-te-ei! — prometeu o engenheiro

A rapariga mostrava-se contente.

Tinha a certeza de que o engenheiro estava deveras disposto a prestar-lhe auxílio.

Se conseguisse a quantia de que falava, seria o primeiro passo para o que era a sua aspiração há vários anos.

O dono do estabelecimento mirava-os com atenção e sem poder dissimular o desgosto que lhe produzia o facto de estar tanto tempo a falar com ela esse homem de modos finos e de aspecto agradável.

Quando o engenheiro se foi embora, o patrão disse a Celeste:

— Parece que estás contente... Uma nova declaração?

— Nada disso. É um cavalheiro e está casado! Não mo disse nada do que imaginas... Nem todos pensam da mesma forma...

— Porque não me narras agora um conto, se podes, para eu adormecer! Julgas que sou parvo?

— Podes acreditar o que quiseres, mas a verdade é o que estás a ouvir...

— Já te disse que não sou parvo...

— Pois dissimulas muito bem! — disse ela.

E tentou afastar-se, mas ele agarrou-a por um braço e fez-lhe voltar o rosto violentamente.

— Aviso-te que não estou disposto a que te rias de mim...

— Larga-me! — exclamou ela, com secura.

Todos os que se encontravam no local os estavam a observar.

— Digo-te que não te rirás de mim...!

A rapariga, com a outra mão livre, deu-lhe uma bofetada e acrescentou:

— Já te disse que me largues... Eu não sou como as que estás acostumado a tratar.

E, aproveitando a surpresa que lhe produziu o ataque, soltou-se dele e encaminhou-se para a porta da rua.

Antes que o dono do estabelecimento compreendesse a verdade, já ela tinha saído.

Sabia que, depois do que acabava de fazer, não lhe era possível continuar no «saloon».

Procurou quarto num hotel. O mais distante do «saloon».

Como não confiava em ninguém, levava sempre as economias consigo. O facto de ir sem bagagem, surpreen-

deu o dono do hotel, mas confessou-lhe sinceramente o que se passara, assegurando-lhe que no dia seguinte levaria as suas coisas. A sua ida supunha uma contrariedade, pois na manhã seguinte ficara o engenheiro de lhe dizer o que havia.

E, por isso, encontrava-se arrependida, quando se deitou na cama.

Devia ter um pouco mais de paciência, pois era a primeira vez que o patrão se atrevera a tocar-lhe e era preciso cortar pela raiz antes de haver más consequências.

Adormecera, pensando em madrugar para avisar as companheiras de que se aparecesse o engenheiro o informassem onde lhe poderia falar.

E assim fez na manhã seguinte.

As companheiras fizeram-lhe muitas perguntas sobre o «saloon» em que ficara.

— Estou num hotel hospedada. Não trabalho — respondeu.

— Por isso «ele» não te encontrou ontem à noite. Percorreu todos os locais da cidade e ficou seguro de que o tinham enganado... Ficou como uma fera quando saiste!

— Olá, fera! — exclamou o patrão, aparecendo entr as mulheres que falavam com Celeste. — Já te passou a zanga? É possível que ontem eu me excedesse um pouco... Entra... Temos os dois que esquecer o que se passou...

— Não penso ficar nesta casa! — disse Celeste.

— Dar-te-ei o que outro qualquer te der.

— Não é questão de dinheiro... Não quero continuar aqui... Desgosta-me ter discussões a todo o momento!... Fizeste do meu caso uma questão de honra e parece que

estás acostumado a vencer todas as dificuldades em tais assuntos...

O patrão estava lívido. Continha-se dificilmente por estar na rua e, embora cedo, estavam já alguns curiosos a escutar.

— É melhor entrares e falarmos.

— Já te disse o que tinha a dizer. Mandarei mais tarde buscar as minhas coisas.

Celeste havia visto o engenheiro que ia ao «saloon» e foi ao seu encontro, com grande surpresa e desgosto do patrão.

— Bons dias! — disse o engenheiro. — Vamos ao «saloon» para conversar?

— Se não acha inconveniente, gostaria que falássemos passeando. Despedi-me ontem à noite... O patrão equivocou-se comigo e ciumento por eu ter falado consigo, quis fazer-me o que eu não estava disposta a tolerar.

— Passeemos então. Ainda posso estar aqui umas horas — disse o engenheiro.

Embora impaciente, Celeste não se atrevia a fazer perguntas.

Sem embargo, teve a impressão de que se tinha frustrado a diligência.

— Falei com o director — disse por fim o engenheiro. — Já concederam o direito às cantinas em todo o percurso das obras a um tal Wolf... Assim, pois, não é possível o que havíamos pensado. E podes crer que o sinto muito.

— Terei paciência — disse Celeste. — Estou certa de que fizeste o que te foi possível.

— Podes ter a mais completa certeza... E, para que

vejas que estou disposto a auxiliar-te, vou indicar-te um modo de conseguires o que desejas... Vamos para fora da cidade...

Quando se encontraram no campo, sentaram-se ambos. O engenheiro esteve a falar durante muito tempo, mostrando os planos que levava.

Celeste, ao despedir-se dele, estava de acordo com tudo quanto o engenheiro dissera, assegurando que se havia informado.

Não querendo perder tempo, a pequena encaminhou-se para o gabinete que o engenheiro indicou.

O empregado olhou-a surpreendido quando soube ao que ela ia.

— Vou ver... — disse.

— Não legalizaram a situação desses terrenos, embora saibamos que há ranchos próximos. Mas essa parte vulcânica e desértica parece não interessar os ganadeiros...

— Posso adquiri-la então?

— Conhece o lugar? — perguntou o empregado. — As notícias que temos dos guias e militares, é que se trata de terrenos só para serpentes, nada mais, embora muito próximo haja água em abundância.

— Não o conheço — respondeu Celeste — mas desejo comprar uns dois mil acres. É possível?... Preciso também de alguns pastos...

— Não são bons os planos que temos dessa parte, mas creio que posso vender-lhe essa quantidade de acres próximo do rio e não muito longe de Mackay, a pequena cidade ganadeira perdida nesse vale.

E Celeste ultimou tudo, pagando o pouco que então

se pagava e recebendo o certificado que atestava a sua propriedade, mas com a obrigação de levantar uma casa antes de três meses, sem o que perderia o direito de ocupação.

Quando na rua se viu com o certificado justificativo da sua propriedade, desatou a rir.

Devia comunicá-lo a Mackay, quando realizasse as obras da casa para que a propriedade adquirisse o seu valor real.

A repartição comunicaria a essa pequena cidade a venda dos terrenos e a situação dos mesmos.

Precisava de ajuda para pôr em prática a ideia que lhe dera o engenheiro. Ela sòzinha não poderia fazer nada, mas não era fácil achar ajudantes para o que, à primeira vista, parecia uma loucura.

Sem embargo, não desanimou e dirigiu-se para o «saloon» de que se despedira.

Mas, temendo as consequncias, não entrou. Fez sair dois dos empregados nas mesas de jogo.

A hora permitia-lhes abandoná-las.

Celèste esteve a falar longo tempo com eles.

Olharam-se os dois.

—Não é uma loucura!... Creio que tens razão. É só ter paciência e esperar um ano ou pouco mais...

— Tenho dinheiro para nos mantermos durante esse tempo, se estão dispostos a ajudar-me.

Ao cabo de uns minutos de breve discussão, os dois ficaram de acordo com ela.

Estes falaram a outros dois.

E no dia seguinte estavam os cinco dispostos a empreender a viagem para os vales do interior do território.

— Não te haverás enganado no lugar? — disse um a Celeste.

— Estou certa do lugar. Não tenham receio. Há-de passar por ali o caminho de ferro, embora ninguém o saiba... ainda. A nossa casa será a primeira de uma cidade que há-de estabelecer-se amparada a ela... Construirão uma estação em frente de nós. Creio que é melhor que a concessão da cantina... É mais definitivo e me permitirá enraizar-me por uns anos...

A verdade é que ela pensava em vender a propriedade tão depressa adquirisse o valor que esperava alcançasse.

## II

Uns meses depois, Celeste contemplava a magnífica casa que conseguira levantar num dos cenários mais fantásticos.

Em frente da mesma, uma franja de terreno desértico, mas mais para além, grandes pastos e árvores frondosas.

O mobiliário tinha sido levado de muito longe e tudo quanto havia no palácio, pois realmente assim parecia, foi escolhido por ela com um gosto delicado.

O silêncio dos primeiros dias era cortado pelo som das explosões, que cada vez se aproximavam mais.

Mas não tinham sido bem recebidos pelos habitantes de Mackay.

A princípio chamaram louca a Celeste pela sua pretensão de se estabelecer no deserto,mas quando viram a casa concluída e disposta para armazenar nela centenas de bebedores e jogadores, compreenderam a verdade.

Era uma competidora perigosa para Jonathan Thorn, dono de um bar-armazém da pequena povoação.

É certo que estava algo distante para que os jovens ali fossem todos os dias, mas a curiosidade levava-os lá algumas noites. Tinham boas bebidas e a possibilidade de se divertirem, rodeados de um luxo que nunca tinham conhecido na sua vida.

Agradava-lhes verem-se reflectidos numa multidão de espelhos e poderem deslizar pelo encerado pavimento que ajudava a dançar, quando Celeste decidia fazê-lo com algum. Era a única mulher que ali havia e, às vezes, a pedido dos jovens, dançava com eles.

Um dos mais assíduos frequentadores do «Lucky Boy», como Celeste baptizara a casa, em memória do barco que a trouxera da Lusiana para o Oeste, era Wilson Price, dono, com sua irmã Dolly, de uma magnífica ganaderia e do Banco que havia na cidade.

Wilson tornava-se pesado com as insistências amorosas, que Celeste repelia.

Os empregados dela vigiavam Wilson constantemente, porque para eles não era boa pessoa.

Das vezes que tinham estado na cidade, haviam sido informados de como enriquecera o pai de ambos e eles seguiam o sistema, ampliando-o pelo que se referia a Dolly, já que era mais dura que Wilson, embora este fosse temido em todo o vale.

Era Dolly quem mais falava na cidade contra Celeste e chegou a ameaçar os seus vaqueiros de represálias se ousassem ir ao «Lucky Boy».

— Se ninguém de aqui lá for — dizia ela — terão de fechar a casa... São tão parvos que se deixam enganar pelas mesas preparadas e por dados viciados.

— Não és justa nisso... — disse um dos ouvintes — Celeste não é amiga de burlas. Gosta do jogo, mas sem vantagens.

Dolly desatou a rir às gargalhadas.

— Entonteceu-os com a sua beleza — exclamou.

— Pois devias começar por convencer teu irmão — disse a mesma voz.

Isto era o que mais incomodava Dolly. Sabia que não teria autoridade sobre ninguém nesse assunto, enquanto o irmão cortejasse essa mulher sem o menor escrúpulo.

— O meu irmão deixará de lá ir — disse Dolly.

— Não deves afirmar o que não sabes se poderás cumprir — disse o irmão por detrás dela. — Já viste o «Lucky Boy»? Levar-te-ei lá para que vejas esse *saloon* e estou seguro de que até tu te acostumarás a estar lá... É agradável e oferece um luxo que deveríamos imitar em nossa casa. Dizem que somos os mais ricos de toda esta região mas a nossa casa não pode comparar-se com a que soube montar uma mulher sòzinha e obstinada.

Dolly deu meia volta e entrou no Banco, à porta do qual estavam a conversar.

Seu irmão Wilson encolheu os ombros e, sorrindo, afastou-se de ali para montar um cavalo e encaminhar-se para o rancho.

Passaram lentamente quatro cavaleiros em frente do Banco e pararam diante do armazém de Jonas Thorn.

Dolly veio para a porta do Banco para os ver melhor.

— Não gosto destes homens! — disse, filtrando as palavras por entre dentes. — Vieram de acordo com Celeste... E não há-de ser nada bom o que estão a forjar...

— Não devemos pensar sempre mal dos nossos semelhantes — disse o xerife, que estava ao lado dela. —

Esses rapazes são mineiros... Têm uma mina de ouro e vêm do seu trabalho.

— Isso é o que eles dizem, mas não sou tão idiota que me deixe enganar. Não há dúvida de que são pistoleiros... A forma de trazer as armas assim o indica... — disse Dolly.

— Já pensaste que podiam dizer o mesmo de ti? Manejas o «Colt» como poucos homens...

— A culpa foi de meu pai! Vingou-se do desgosto que lhe deram quando eu nasci e soube que era uma mulher, quando esperavam um mocetão... Educou-me se eu fosse um rapaz. Depois alegrei-me porque assim posso manter os vaqueiros nos seus limites... Mas esses quatro têm o aspecto de pistoleiros...

— Um deles mira-te com simpatia e até com descaramento sempre que passa por aqui! — exclamou sorridente o xerife.

Dolly empalideceu visivelmente.

— Está enamorado, segundo dizem, de Celeste! — exclamou Dolly.

— Enamoram-se todos dessa rapariga — comentou o xerife. — Não é a mulher a que estamos acostumados, nós os que temos ido às cidades onde as há nos *saloons*. É diferente. Amável sem excesso e sempre atenciosa com todos.

— É uma mulher muito astuta! Soube iludir todos, menos a mim e a Jonas, que é o único que nesta cidade parece conservar o senso comum! — disse Dolly... — Algum dia se convencerão de que é certo o que eu digo... E o triste será que então já não haverá remédio...

Dolly deixou de falar quando viu os quatro sairem do armazém de Jonas e aproximarem-se.

Saudaram friamente com o gesto, mais que com os lábios e James, o que parecia o chefe, disse:

— Poderíamos depositar um pouco de ouro?

— Essa é a missão do Banco — respondeu Dolly. — Podem entrar.

— Só eu o farei.

E James entrou no edifício.

A jovem atendeu-o pessoalmente.

— É extraordinário que haja ouro por aqui!... — disse. — Ninguém ainda encontrou nada que se pareça...

— Nós temos tido sorte, mas não acredites que se trata de uma mina rica. O suficiente para ir adquirindo víveres, munições e o mais de que precisamos... — explicou James, sorrindo para Dolly.

— E para passar as noites no estabelecimento de Celeste! — disse Dolly, com rancor.

— Só lá vamos um dia por semana. Às quinta-feiras. É de lamentar que não possamos fazê-lo com mais frequência, mas então não poderíamos trabalhar no dia seguinte e custa-nos muito conseguir este bocadinho de ouro. — disse James, ante o sorriso dos empregados do Banco, que estavam escutando. — Não compreendo a razão, Dolly, porque não me estimas. Dedicas-te a falar mal de nós e, se é a mim que tens aversão, não deverias incluir os outros nos teus comentários.

— És um soberbo, James! Nem te tenho aversão, nem me preocupa que existas... Pese este ouro! — disse a um empregado. — Em nome de quem se abre a conta? — perguntou a James.

— Pois não nos lembrámos de pensar nisso. Perguntarei aos outros... Mas parece-me que será melhor fazê-lo no meu. Eles desanimam muitos dias...

— E tu não queres abandonar a região por causa dela... — disse Dolly, sorrindo. — Bem... Isso é o que estão fazendo acreditar a todos... São uns infelizes, não é verdade? Como é fácil enganá-los. Menos a mim!

— Não te compreendo, Dolly, e parece-me que será melhor não compreender... Se assim não fosse, teria que matar-te.

Cousou uma sensação estranha em Dolly a forma tão suave de expressar tamanha enormidade.

— Agora é que me convenço de que se trata de pistoleiros. Estais à espera de os trabalhadores do caminho de ferro ficarem mais perto para ajudar a Celeste a saquear-lhes as algibeiras!

— Dez onças — disse o empregado. — A dezoito dólares a onça, são cento e oitenta dólares. Não está mal! — comentou.

— Tenha em consideração que é para quatro... — disse James. — E o fruto de vários dias.

— Então, em teu nome, não é verdade? — disse Dolly. — E chamas-te?

— James Figgers — respondeu.

— És de...?

— E isso que importa para depositar o dinheiro no Banco?

— Poderá dar-se a circunstância de haver outro com igual nome e apelido... — objectou o empregado, que tinha começado a escrever. — Por isso acrescentamos sempre a cidade em que nasceu o interessado.

— Pode pôr a que mais lhe agradar... Para mim é

o mesmo... Suponho que serei conhecido quando me apresentar a levantar o dinheiro... Mas, se tanto desejam saber de onde sou, podem pôr a localidade e a região que mais lhes agradar...

O empregado e Dolly còraram. Realmente não se tornava necessário aquele dado.

— Dar-me-ão um recibo?

— Sempre o fazemos. Não roubamos ninguém... — resmungou.

— Não se trata de mim, minha menina... Tenho que justificar-me ante os outros... Hoje parece que engoliste rabos de cobra...

Dolly fitou-o com ódio, mas não disse nada.

Assinou o recibo que o empregado lhe acabava de dar e entregou-o a James, dizendo:

— Que continuem a ter muita sorte com o ouro desta região!... Sois uns verdadeiros exploradores e pioneiros...

— É possível que tenhas razão... — disse James, tão zombeteiro como ela.

E saiu, lendo o recibo.

Dolly retirou com violência uma cadeira que estava ao pé dela.

Os empregados olharam uns para os outros, sem dizer nada.

James juntou-se aos outros três.

— Temos cento e oitenta dólares no Banco!

— Preferia tê-los na mão ou na algibeira... — disse Mark, um dos que faziam parte da equipa de James.

— Devias dizê-lo antes... — censurou James — e não esperar por este momento. Mas, se não estás de acordo,

podemos levantá-lo outra vez e que nos dêem notas, que se repartem melhor que o ouro.

— Isso é que é boa ideia! — exclamou Mark. Quarenta e cinco dólares para cada um e que faça com eles o que quiser...

— Vocês julgam que vão rir-se de mim? — disse Dolly. — Não deviam fazer-nos trabalhar para isto...

— Não podemos fazê-lo, xerife?—perguntou Leonel, outro da equipa.

— Podem, mas penso que Dolly tem razão para protestar... Deviam começar por trocar sòmente o ouro por notas...

— Era isso o que queriam — disse a jovem. — Mas entenderam que me deviam maçar...

— Estás equivocada. Eu não quero levar os dólares comigo.

— E julgas que por quarenta e cinco dólares vamos fazer recibos e trabalhar? Enganas-te. Podes levá-los e e se quiseres atira-os à rua!

— Não és justa! James queria deixá-lo todo, mas já ouviste o que essa disse e, se ele não quer retirar o dinheiro, terás que o atender!

— Esquece-se de que o Banco é meu! — exclamou Dolly. — E não quero que haja contas destes *intrujas* e ladrões...

As armas dos três companheiros de James apareceram nas suas mãos.

— Quietos! — bradou James: — Não façam caso dela... Está zangada comigo!

— Xerife! — gritou Mark. — Não é delito nesta terra insultar como o fez esta rapariga? Desculpa, James, desta vez não te obedeço! Vou pendurar este lobinho

de saias... Só sabe dizer que somos ladrões. Di-lo em toda a parte e não em voz baixa... Pois bem... Já me cansei da cantiga. Agora é ela que vai bailar uma dança bonita... Nada de fraquezas, xerife... Creia que é um bem que faço à cidade matando esta serpente... É rancorosa e má... Está enamorada de James e os ciúmes roem-lhe as estranhas...

— Mark... — disse James, com suavidade. — Procura matar-me também a mim. Não quero assassinos a meu lado! Podes largar-te com vento fresco! E aproveita esta oportunidade, porque não vais ter outra...

E, numa pirueta admirável, Mark foi desarmado com um limpo disparo feito por James.

— Creio que hás-de pensar na injustiça que ias cometer. A minha obrigação seria enforcar-te por cobarde, visto que querias fazê-lo a uma mulher, embora, esta seja má, como bem dizes... Mas é bastante afastares-te de nós...

— Tenho parte na mina... — disse Mark assustado. Não é verdade que fosse enforcá-la... Só queria pregar-lhe um susto, porque nos insulta sempre...

Minutos depois tudo havia passado. E bebiam juntos no armazém de Jonas.

O xerife disse a Dolly que escapara milagrosamente de uma morte quase certa.

— Não faças caso... Foi uma comédia. Tenta aparecer perante mim como um herói — disse Dolly. — Crê que o poderia surpreender se não fosse assim?

— Estás equivocada... E o teu ódio por esse rapaz faz-te ser injusta.

E o xerife foi-se embora.

Isso pôs ainda Dolly mais furiosa. Amaldiçoou o xerife, a quem chamava cobarde e dizia que não tinha competência para o cargo que desempenhava.

Jonas aproximou-se da jovem.

Andava enamorado dela, conforme dizia em toda a parte, embora Dolly tivesse a certeza que o que mais o enamorava era o rancho e o Banco, de que ela e Wilson eram proprietários.

Jonas percebeu que ela estava muito incomodada e não foi ele quem perguntou, mas ela que começou a falar do que lhe sucedera com os quatro mineiros.

— Parece-me que és tu quem está na verdade — disse Jonas. — Eles não são mineiros. Trouxeram esse ouro porque sabiam que se comentava essa treta da mina... Deve ser produto de algum assalto a um Banco ou a alguma diligência... Mas não me enganam a mim... É uma pena que eu não seja xerife... Expulsaríamos de aqui essa quadrilha de malandretes, que se apresentaram representando uma comédia grosseira.

— Temos, entre os dois, vaqueiros mais que suficientes para ditar leis aqui.

— Mas não podemos defrontar o xerife — disse Jonas, que tinha medo de dar força demasiada à rancorosa mulher.

— Se é tão incompetente que não quer ver as coisas como são, teremos nós que o fazer... É preciso obrigar a sair essa mulher destes terrenos que eram nossas antes de chegar... — disse Dolly.

— Mas é legal... Soube fazer as coisas desde o princípio. Não é parva!

— Sim... E quando chegar o caminho de ferro, se

construirem uma estação onde ela está, será ela a ganhar dinheiro. E esses terrenos valerão uma fortuna...

Os olhos de Dolly pareciam querer saltar das órbitas

— Que diz o teu irmão?

— Está enamorado dessa maldita mulher — respondeu Dolly, com voz surda... — Creio que estão todos... Mas ela é a amante de James... Riem-se de todos.

— Não dizem isso os que vão com frequência ao «Lucky Boy»—comentou Jonas. — Parece que são bons amigos e nada mais...Conheceram-se longe de aqui...

— Que casualidade! — exclamou Dolly numa gargalhada. — Vejo que és tão parvo como os outros...

E afastou-se para, montando a cavalo, se dirigir para o rancho.

Esporeava furiosa o animal.

## III

— Grande surpresa! — exclamou Celeste à porta do seu «saloon», ao ver Dolly em companhia do irmão. — Não podia esperar tanta honra!...

Dolly captou a mordacidade destas palavras.

— Há que tempos Wilson queria que eu viesse para ver isto... — disse Dolly.

— De longe viste-o muitas vezes. Surpreenderam-te vigiando a distância, quando construimos o edifício... Entra, entra! Agrada-me conhecer a tua opinião. Só conheço a dos homens, que tentam lisonjear-me.

Os dois irmãos eram acompanhados por quatro vaqueiros.

Entraram todos e, ao vê-los, os empregados puseram o jogo em movimento, fazendo a bola da roleta o seu característico ruído...

Dolly estava entusiasmada com o que via. Mas não quis expressar a sua impressão sincera.

— Para o que vais destinar esta casa, não está mal de todo... — disse. — Mas deves ter em conta que te expulsaremos de aqui e não tardará muito. Vim com meu irmão para to dizer!... E farás bem obedecendo, quando te ordenarem que saias...

— Sabes que estes terrenos são meus? Sinto muito,

mas quando o caminho de ferro passar por este local, vocês não os poderão vender, ainda que eu não esteja aqui. Isso é o que vos interessa. Só isso! Tudo o mais são pretextos estúpidos, que ninguém pode admitir, nem acreditar!

— Parece que isto está muito solitário esta noite... E os mineiros teus amigos?

— Costumam vir uma noite em cada semana. Trabalham muito os pobres. Não tardarão a chegar. É hoje precisamente dia de cá virem. Sabia-lo?

Wilson mirava a irmã, sorrindo.

— Tens razão, Celeste deve sabê-lo, porque só agora me pediu que a trouxesse a esta casa... — explicou Wilson.

— Queres beber alguma coisa? — perguntou Celeste.

— Sim. Uma garrafa de champanhe e podes beber connosco... — disse Wilson.

Wilson mirava a irmã, sorrindo.

— Não te zangues, pequena... Eu ainda não tinha aceitado... — disse Celeste.

— É que James pode incomodar-se se, quando entrar, te vir com meu irmão... E parece-me um pistoleiro perigoso... Tenho medo por Wilson...

— Não deves recear nada. James é bom rapaz... É certo que está muito enamorado de mim... Tanto como tu dele... — disse Celeste. — Mas não há que temer nada... Sabe que não faço caso, embora tenha o costume de assustar todos quantos me falam...

— Não gosto de certa classe de brincadeiras — afirmou Dolly

— Vieste cá para discutir com Celeste? — inquiriu

Wilson. — Pois podes pôr-te a andar e deixar-nos tranquilos. Viemos para nos divertirmos. Não para fazer questões.

— Caramba! — exclamou James com voz potente, quando entrou. — Que surpresa! Convidaste-a, Celeste?

— Não. Ela veio porque queria conhecer o local...

— Isto é um cubículo — disse Dolly. — E não deixará de o ser, por muito luxo que ponhas na sua mobilagem...

— Eu não te ofendi, Dolly... — replicou Celeste.

— Disseste que eu estava enamorada do teu amante... O pistoleiro que será enforcado nestas terras...

— Wilson, por favor!... Leva a' tua irmã de aqui... Se não o fizeres acabarei por matá-la... — disse Celeste, com um «Colt» firmemente empunhado.

— Dispara agora — desafiou Dolly. — Não esperes surprcender-me outra vez...

— Vamos!... — exclamou Wilson. — Não sabes o que dizes... Estás louca!

E fez sair a jovem, que antes de se encontrar na rua, disse:

— Tornar-nos-emos a ver, Celeste... Creio que eu é que te hei-de matar.

— Se antes não der eu primeiro cabo de ti... — acrescentou Celeste.

Uma vez na rua, Wilson exclamou:

— Não há dúvida de que estás louca... Têm razão os que dizem isso na cidade.

— O que se passa é que estás enamorado dessa mulher e não pescebes que os dois estão a rir-se de ti...

— Asseguro-te que não és justa com essa rapariga..

Eu pensava como a maioria das pessoas... Mas depois de cá vir tantas vezes e tratar de perto com ela, tenho a certeza de que não és justa...

— Esqueces-te de que é uma mulher qualquer... Uma das muitas que andam por estes locais...

— Não penses isso, Dolly... Os empregados contaram-me o que se passou com o dono do «saloon» de Boise, onde trabalhava antes de vir para estes terrenos. E não é o que, já to digo, eu tinha imaginado também.

— Tem emparvecido todos... Sabe-o fazer muito bem!... Mas só James é o seu amante!...

— É isso que te tortura... Estás enamorada de James, que não faz caso de ti e não reprimes o teu ódio e o teu despeito... És bastante pior do que eu... E olha que eu imaginava sê-lo muito...

— Podes voltar... Não preciso que me acompanhes... Conheço o caminho — disse Dolly ao irmão.

— Obrigado... Confesso que prefiro ir para lá!

— Imbecil!... Não permitirei que te metas nos assuntos do Banco. O que eles pretendem é assaltá-lo quando souberem por ti que há dinheiro em abundância.

Dolly esporeou a sua montada. Os vaqueiros iam escoltá-la, mas Wilson disse-lhes que podiam ficar com ele.

James ficou a olhar para Wilson.

— A tua irmã? — perguntou.

— Foi-se embora... Foi-se embora porque não fazes caso dela. Creio que Celeste tem razão... Está enamorada de ti...

— E tu estás de Celeste, não é isso?

— É verdade! — respondeu Wilson, com as mãos já muito próximas das armas.

— Não quero desordens na minha casa — avisou Celeste — ainda menos por esses motivos. Sabem que não preciso nenhum, embora fale com todos... A ti, James, aprecio-te porque há muito tempo que nos conhecemos. Nada de equívocos. Ainda não amo ninguém! E falo por quem me parece... Não me agrada, portanto, a tua atitude, James. E pôr-te-ei na rua se continuares assim...

— Era bem feito para não ser parvo... — disse Mark.

— Cala-te!... — murmurou James.

— Nada de questões... É melhor que passemos a tudo alegremente — opinou Celeste. — E, para isso, vou tocar piano...

Celeste sentou-se ao piano e interpretou música alegre.

— Escuta James... — disse Celeste, pondo-se em pé. Não quero que isto se repita. É a última vez que te metes nos meus assuntos. Vais conseguir que me enfade sèriamente e asseguro-te que isso não produzirá nada de bom... Tens que deixar de ser louco. Aprecio-te, é verdade, mas não te amo!... Não te iludas!

— Enquanto não amares ninguém, não perderei a esperança de algum dia te decidires por mim! — disse James, rindo

— Brincava com o «Colt» ,fazendo-o girar na mão com uma rapidez endemoninhada.

— Celeste... — pediu o pequeno Tom Jeeling, da equipa de James. — Queres tocar o «Oh! Susana!»?

— Com muito prazer, Tommy — acedeu Celeste. —

E pôs-se imediatamente a interpretar a canção, que todos cantaram em coro.

— Já se ouvem as explosões mais próximo de aqui... — disse Mark. — Em breve terás o caminho de ferro à porta de casa, Celeste, e com ele uma inundação de ouro. Creio que então, te seremos necessários... A mina não dá o suficiente...

— Isso seria dar razão à louca da Dolly... Diz em toda a parte que procedemos de acordo e que estamos à espera disso precisamente.

— Nada te deve preocupar o que essa maluca diz... — comentou Tommy.

— Não tens maldade suficiente, pequeno Tommy... Não te lembras de que essa mulher é a dona do Banco e da mais numerosa ganaderia da comarca com o outro aldrabão do Jonas, embora este seja mais hábil... O que essa mulher diz comenta-se e forma opinião... Estão a preparar a nossa expulsão de aqui... Só esperam o pretexto ou a oportunidade...

— Não há-de ser uma coisa fácil — disse James, sem deixar de dar voltas ao «Colt», imitado pelo pequeno Tom.

Este tinha dezoito anos e gostava de praticar com o «Colt» para conseguir a rapidez e a segurança de que James dava provas...

— Já o fazes tão bem como eu... — dizia James, para lisonjear Tom.

O rapazote sorria.

Celesie mirou-o com afecto e disse-lhe:

— Não é isso o que deves imitar. O manejo das armas conduz a mau fim.

— Mas é necessário no Oeste se quiseres que te respeitem — disse Tom. — Já não sou uma criança, Celeste. Sou um homem...

— Desejo de todo o coração que essa mina seja um bom filão para vocês.

— Não é muito o que nos está dando... — exclamou James. — Mas vamo-nos defendendo. Tenho fé nela... Estou certo de que encontraremos mais quantidade... É que até agora temos tido medo de que nos vejam. Trabalhamos no mais escondido desta Cordilheira do Diabo... Não acredito que o homem a haja pisado em todas as suas partes...

— Não estou de acordo... É o que sempre nos dizes para não desertar...

James fixou Mark:

— Deves ficar aqui... Dou-te tudo o que tenho.

— Se Celeste me admitir a trabalhar... fico com ela — afirmou Mark.

— Que vais tu fazer aqui? — perguntou Celeste. — Bem vês que não há trabalho para quase ninguém.

— Bem depressa haverá legiões de trabalhadores a menos de uma milha e esses virão cá todas as noites...

— Não devemos principiar a separar-nos... — disse Leonel. — Se tivermos a sorte de encontrar o que James espera, é melhor ficarmos unidos como até agora.

Mark concordou por fim.

Mas estava decidido a não continuar com James. Receava que este o viesse a matar, visto que lhe era muito superior no «Colt».

Por isso, no dia seguinte marchou para a cidade.

— Que vais fazer hoje à cidade? — perguntou James.

— Não estou bem... — respondeu Mark. — Vou consultar o médico.

— Quando regressares procura que não te sigam... Já sabes que é preciso despistá-los... Asseguro-te que seremos ricos... Cada dia gosto mais deste terreno... Meter-nos-emos pelo dédalo de «gargantas» e «passagens» pelos quais o homem não andou ainda e parece-me que encontraremos nos arroios gelados, lá em cima, mais ouro que aqui...

— Não deixas de sonhar, James... — observou Mark.

— Precisamos de um pouco mais de paciência. De momento, podemos correr, beber em casa da Celeste, vestir e até economizar uns dólares...

Os outros dois concordaram com James.

Mark marchou para a cidade.

Dirigiu-se ao Banco em primeiro lugar.

O empregado do «guichê» mirou-o surpreendido:

— Vens também deixar finalmente o teu dinheiro?

— Não... Queria encontrar quem me comprasse a parte que tenho na mina. Estou cansado daquela vida, sempre metido na montanha. Não é para mim. Agrada-me muito mais poder beber todas as tardes e dançar de vez em quando!...

— Como queres que te comprem a tua parte de uma mina que ninguém viu e em que muito poucos acreditam? — objectou o empregado.

Chegou Dolly com seu irmão e quando viu Mark pôs-se nervosa.

— Então hoje também se não trabalha na mina? — inquiriu escaminha.

— Vem à procura de comprador para a sua parte nela — informou o empregado.

Dolly abriu os olhos surpreendida.

— Isso é certo? Onde está a mina? Julgas que alguém «come» esse conto? — obtemperou a jovem.

— É verdade que a mina existe. Muito verdade. E James assegura que dará muito ouro quando tivermos dinheiro para adquirir máquinas e ferramentas apropriadas.

— Podia ser um bom negócio para o Banco — interveio Wilson. — Os outros estão de acordo com a venda da tua parte?

— Não sabem de nada... Disse-lhes que vinha consultar um médico porque não me encontrava bem. É que não quero continuar com James. Sei que um dia temos de lutar e ele é muito superior a mim com o «Colt»...

— Se eles não aceitarem quem ficar com a tua parte, cometes um autêntico roubo... — disse Dolly. — Fizeram partilhas?

— Não... Trabalhamos juntos... — respondeu Mark.

— Pois procura por aí quem se deixe enganar... Pedes muito pela tua parte? — acrescentou Dolly.

— Mil dólares... — disse Mark. — Com esse dinheiro irei à Califórnia outra vez...

A jovem ria às gargalhadas.

— Julgas que somos parvos... — disse por fim. — Mil dólares!

Mark ainda ouviu o riso de Dolly na rua e entrou em casa de Jonas para beber um copo.

Tinha muito medo porque estava certo de que Dolly diria a James, logo que o visse, o que se havia passado.

Dolly falou com o irmão, ante testemunhas, da mina e logo isto foi comentado na pequena cidade.

— Não acredites nisso da mina! — disse Dolly. — Nunca existiu.

— Celeste afirma que é verdade — afirmou Wilson.

— Parece impossível que sejas tão incauto que te deixes enganar por essa mulher, que, não há dúvida, é muito hábil...

— Asseguro-te que eu acredito na Celeste. Não é mulher que engane. Nunca diz nada a ninguém que não seja verdade .. Lembra-te de quando se apresentou nesta terra. Logo no primeiro dia disse o que pensava fazer. Aborrecida com a sua beleza, que a ti te falta, chamaste-lhe aldrabona. E aí tens a casa de que falava.

— Já pensaste alguma vez de que meios se vale para conseguir tanto dinheiro como o que enterrou neste deserto? Pois não pode ser mais claro! São esses falsos mineiros que arranjam, com assaltos e roubos, o dinheiro que ela gasta... Nunca houve mineiros por aqui e deu-se a casualidade de, pouco tempo depois de ela chegar, aparecerem estes mineiros, e um deles, James, ser conhecido de Celeste, de quando ela trabalhava em Boise...

Os que escutavam a jovem estavam em parte de acordo ela. Era tudo muito estranho.

Mark sentiu-se mirado por olhos curiosos.

O xerife entrou. Já estava informado do que Dolly dizia mais uma vez e, embora fosse razoável, não a acreditava por se tratar de uma despeitada.

— Olá, Mark!... — saudou o xerife.—É certo que vinhas disposto a vender a tua parte na mina dos quatro?...

— Sim, é certo, xerife... Mas agora tenho medo, porque se James o sabe é capaz de me enforcar...

— Sabes que ninguém acredita nessa mina?

— Sim. Ouço dizer isso, mas asseguro que é verdade. Não é que seja muito rica e custa-nos bastante separar o ouro do quartzo... Mas vamos tirando para viver... O que sucede é que ando aborrecido de andar sempre, como as feras, metido entre montanhas e rochedos...

— Para que te possam comprar tens que primeiro indicar onde é a mina e provar que os outros três estão de acordo em repartir com o comprador...

— Não pensei em tal e por isso me irei embora sem ter feito nada. Se dissesse onde é a nossa mina e onde nos alojamos, os outros matavam-me...

— Parece que pediste a Dolly mil dólares pela tua parte — acrescentou o xerife.

— Mas reconsidero e percebo que não é possível sem contar com James

— E se contas com ele, dar-te-á um desgosto — disse um. — Eu também não te deixaria vender se estivesse no caso dos outros três. Vende-a a eles.

— James dava-me tudo o que tem, mas é pouco o que possui. Com esse dinheiro não poderia ir muito longe...

O xerife sorria ao pensar o que Dolly dizia daqueles rapazes.

Chamava-lhes ladrões e salteadores e verificava-se que não podiam dar por cada uma das partes da mina mais que uns cinquenta dólares.

Esteve ainda a falar com Mark e por fim foi-se em-

bora. Quando passou em frente do Banco, Dolly chamou-o:

— Já sabe o que há, não é verdade, xerife! — disse-lhe. — Um desses aldrabões tentou enganar-me com a venda de uma parte que diz ter nessa mina que ninguém viu...

— Pediu-te uma certa importância por ela, foi o que foi... Não quis enganar-te... Não te conveio e nada mais...

— Queria vender uma coisa que não existe e isso é sempre um delito...

O xerife olhou a jovem e exclamou:

— O ódio não te deixa pensar com serenidade...

— É verdade que essa mina não existe... São uns ladrões de gado e de tudo... São os que ajudaram Celeste a edificar a casa.

— Ajudaram trabalhando, isso é verdade... Não acredito na tua história... Não compreendes que, se fosse assim, este não tentaria encontrar quem lhe comprasse a sua parte, nem os outros a adquiririam?

— És mais parvo do que eu julgava, xerife. Fizeram-no muito bem porque perceberam que já toda a gente suspeita deles. Por isso se apresentaram a fazer o depósito dos dólares... E agora vem este com a outra parte da história... Todos vocês são uns parvos!

E Dolly deixou o xerife sòzinho.

Apesar das suas palavras, Dolly encarregou dois vaqueiros de seguirem Mark, sem o perderem de vista.

E ofereceu-lhes bóa recompensa se conseguissem averiguar onde era o refúgio de James e dos seus homens.

No cérebro da jovem fervilhavam os piores pensamentos.

## IV

— Não... Não são explosões a estas horas... São trovões de uma terrível tempestade que vem anunciar-nos estarem os frios à porta... — disse um dos empregados do *saloon*. — Perece-me que nem James, nem os companheiros virão esta noite.

— Esses não faltarão... — disse outro.

— Parece que vamos ter trabalho dentro de muito pouco tempo. O tipo que está a comer com Celeste é engenheiro e disse-lhe que de aqui a uma semana haverá centenas de trabalhadores nas montanhas.

— Teremos com que nos entreter todas as noites...

— Costumam vir os da cidade... O ódio que essa rapariga do Banco tem a Celeste vai desencadear um drama...

— É que está enamorada de James e este o está de Celeste...

Irromperam no *saloon*, de tropel, vários vaqueiros, à frente dos quais iam Dolly e o xerife, mas verificava-se, desde os primeiros momentos que a maior autoridade residia no senhor Reckon, um ganadeiro como Dolly e Jonas, que com eles possuia a maior parte dos terrenos e das reses.

— Onde estão James e os companheiros? — perguntou Reckon aos empregados.

— Ainda não vieram!

Um dos empregados fez tocar a campainha de aviso instalada no refeitório de Celeste, o que se podia fazer do *saloon*.

Celeste fitou o engenheiro e disse:

— Avisam-me!... Sucede algo extraordinário para que eles toquem, sabendo que estou consigo...

Celeste vestia umas calças largas que entravam em botas altas de montar. Trazia um cinturão-cartucheira do que pendia um «Colt». E uma blusa de cor azul muito fechada no pescoço, como se fosse camisa de mineiro.

Deteve-se à porta do refeitório, que ficava a umas jardas do *saloon* e contemplou os que lá em baixo, por sua vez, a miravam também.

— Viemos à tua procura, Celeste!... — disse Dolly com imensa alegria.

— Deixa-me ser eu a falar — pediu o xerife.

— O senhor tem simpatia por ela... Todos nós o sabemos!... — acrescentou Dolly.

— Que se passa xerife? — inquiriu Celeste.

— Assaltaram a diligência e há alguns mortos — respondeu o xerife.

— Foi James e os seus homens e hás-de tê-los escondidos. Quem estava contigo?... James, não é verdade? Estavam a festejar o dinheiro que me roubaram, porque vinha para o meu Banco, para pagamento dos jornais dos que constroem o caminho da ferro...

— Odeias-me demasiado para raciocinares normal-

mente, Dolly... James não é salteador, nem ladrão de coisa nenhuma... É um aventureiro como há muitos, mas não fez nada de mau... Não acredito, portanto, que fosse ele quem assaltou a diligência...

— Não te servirá de nada o que disseres!... Um dos condutores que não morreu, reconheceu os quatro... Fala Speingler!... Não tenhas receio!... — disse Dolly ao condutor que ia com eles e que olhava assustado para Celeste.

— Já disse Dolly, que não pude reconhecê-los... Levavam o rosto tapado com lenços... — respondeu o condutor.

— Não sejas cobarde! Não tens nada que temer! — gritava Dolly. — Estamos aqui para te defender... Que foi feito de meu irmão? Vinha na diligência?

— Já te disse que não dei conta de nada, porque desmaiei... Quando voltei a mim, haviam desaparecido. Dispararam a princípio e encontrei os dois mortos que trouxe para a cidade... Mas não posso dizer quem eram porque não os conheci...

— Devíamos enforcar-te — disse Dolly. — Não há dúvida de que está «feito» com Celeste, que planeou este assalto. É a chefe deles... Não me deixo enganar como todos os outros... E vamos levá-la para ser enforcada...

— Não quero linchamentos... Já o disse quando saímos da cidade... — avisou o xerife.

— Não os ajude, xerife, ou terá um desgosto connosco — advertiu Dolly.

— Vem cá, Dolly... — disse Celeste com o «Colt» empunhado e apontando para a rapariga. — És uma

cobarde que me odeias com toda a tua alma e és muito capaz de ter enviado alguns dos vaqueiros do teu rancho para assaltar a diligência e poderes acusar-me disso. O senhor Reckon auxiliar-te-ia gostosamente, porque assim, eu teria de sair daqui antes de cá chegar o caminho de ferro e se levantar uma cidade neste mesmo lugar... Mas sois muito idiotas porque o ódio vos cega. Ide-vos de aqui, antes de eu começar a disparar...

— Podes matar-me, mas serás enforcada! — disse Dolly. — Todos sabemos que James estava aí contigo...

O engenheiro que entrava no refeitório, assomou à porta para dizer:

— Permita, menina, que lhe diga que mente... Sou eu que estou a comer com Celeste... É só eu... Não é que me importem as questões de vocês, mas parece-me que não são justos com esta pequena, que só deseja formar a base de uma cidade e a sua casa sê-lo-á, sem dúvida nenhuma, porque daremos ordens para ser aqui e não onde pediu, «miss» Price, o lugar onde se construirá a estação...

O xerife e os seus acompanhantes ficaram mirando o engenheiro e Dolly.

— Olha! Outro amante!

— Continua a falar e arrebento o teu rosto de hiena — ameaçou Celeste.

Dolly viu nos olhos de Celeste que estava decidida a disparar e postou-se atrás de Reckon.

— Não a provoques mais! — aconselhou este, em voz baixa.

— Não podia calcular que, numa mulher como é,

se ocultasse uma cobarde e canalha tão grande — disse o engenheiro.

Abriu-se a porta da rua e entrou um homem moço, muito alto, que ao tirar o chapéu, encheu de água o pavimento.

— Não há ninguém que possa encarregar-se do meu cavalo e do meu burro? — disse. — Estava reservada para mim esta recepção... e vá lá que encontrei esta casa no deserto... a qual vem a ser um verdadeiro palácio...

E, olhando em todas as direcções, assobiou longamente, surpreendido.

— Por que não sacudiste a água antes de entrar? — perguntou Celeste.

— Julgas que eu podia pensar que isto era assim? Desculpa!... Há um lugar abrigado para os meus animais?

— Eu me encarregarei deles... — disse um dos empregados...

— Não haverá um fogo para secar esta roupa? — acrescentou. — Mas que se passa? Por que empunhas esse «Colt»?

— Vens do Sul ou do Norte, forasteiro? — perguntou o xerife.

— Por que é esse interrogatório, se posso saber isso antes de responder?

— Assaltaram a diligência e...

— Por acaso culpais disso esta rapariga tão bonita? Embora a distância, vi o assalto... Nada pude fazer porque estava longe e porque tenho o costume de não usar armas...

— Assististe? — perguntou Dolly. — Eram quatro, não é verdade?

O recém-chegado mirou Dolly e replicou:

— Não é estranho que tu saibas quantos eram? Es tu que acusas essa outra?

— Sou a dona do Banco para onde traziam o dinheiro... — disse Dolly — e devem ter assassinado meu irmão, que viajava na diligência...

— Davas-te bem com teu irmão? — disse o forasteiro. — Se não te davas bem com ele seria uma oportunidade de ficares a única dona do Banco e de acusares alguém que odeies!... Pois não eram quatro, senhorita... É certo que só quatro se acercaram do veículo a disparar, mas havia outros quatro a vigiar...

— Não serás tu um dos salteadores? — perguntou Dolly. — E não me enganas... Estás combinado com essa mulher...

Deteve-se por ver entrar James e os seus companheiros que vinham a rir uns com os outros e, quando viram tanta gente ficaram em silêncio, olhando todos com receio.

— Onde estiveram esta tarde? — perguntou o xerife.

— Na mina... Vimos de lá... Porquê? — disse James.

— Mark, não te sucederá nada se disseres a verdade acerca da diligência! Dou-te cinco mil dólares e poderás ir para onde quiseres — disse Dolly. — Não é verdade que foi obra de Celeste e de James?

— Já não te recordas de mim? Obrigado... — disse o forasteiro rindo.

James è os seus amigos colocaram as mãos muito próximo das armas, rodeando o grupo.

— Queres dizer claramente o que se passa? — pergunta James a Dolly.

— Haveis assaltado a diligência, matando e roubando; não é verdade, Spengler, que eram estes?

— Disse que vi o assalto de longe!... Estes não eram os que se acercaram da diligência!... Pelo menos, não vestiam como estes... — disse o forasteiro.

— Pois eu digo que foram eles e que estás combinado com todos para que os não possa acusar... Mas nesta terra não somos parvos, como, sem dúvida, pensaste... — gritou Dolly.

— Ponha a descoberto essa fera... Vou-a matar! — disse Celeste.

— Xerife? Sabe se esta rapariga se dava bem com o irmão? É ambiciosa? Deve investigar entre os homens do seu rancho... Julgo-a muito capaz de ter mandado matar o irmão! E, pelo que observo, de acusar estas pessoas, que parece não estimar muito...

Os acompanhantes do xerife olhavam-se um pouco surpreendidos.

— É o cobarde do Spengler que não se atreve a dizer a verdade! — murmurou Dolly. — Mas enforcá-lo-emos a ele.

— É certo que não os vi... E esse homem tem razão... Não trajavam como estes...

— Cobarde, embusteiro!

E Dolly deu um bofetão em Splenger.

As armas apareceram nas mãos dos quatro mineiros.

— Todas as mãos ao alto! — gritou James. — E

agora vamos engorcar-te, Dolly... És uma serpente, que enquanto não se te esmagar a cabeça, dará muito que fazer... Uma corda! — gritou.

— Não — disse Celeste. — Deixa-a ir-se embora... Está cheia de ciúmes porque te ama e tu não fazes caso dela... É melhor fazer o que indicou o forasteiro e que sejam os da cidade que a enforquem, quando se convencerem de que tudo é obra dela. Não pode estar mais claro. Só ela sabia que a diligência trazia dinheiro. E não se dava bem com Wilson... Talvez o mandasse matar. Quer ser sòzinha em tudo...

— É possível que tenhas razão; todavia, parece-me parvoíce não a enforcar. Mas prometo lealmente que te enforcarei na primeira vez que te metas com Celeste e comigo...

Os acompanhantes do xerife aproveitaram para beber e jogar.

Celeste desceu ao *saloon* e pôs-se a tocar piano.

O alto e molhado «cow-boy» — ou vestido como tal — acercou-se do balcão.

— Podes entrar na cozinha e secar essa roupa — disse o empregado da bar.

Assim o fez, sendo atendido pelo que fazia de cozinheiro.

— Essa rapariga é uma fera — comentou o forasteiro — e fizeram mal em não a enforcar... Dará muitos desgostos... Odeia intensamente a dona desta casa...

— Com toda a sua alma! — disse o cozinheiro. — Tens fome?

— Lá isso tenho! — confessou o outro.

Os do *saloon* foram-se embora de aí a poucos mi-

nutos, ficando sòmente o engenheiro e James com os seus homens, além de Celeste e os empregados da casa.

Celeste entrou na cozinha para dizer ao alto «cow-boy»:

— Devo dar-te os agradecimentos... Prestaste-nos uma grande ajuda...

— Creio conhecer as pessoas... Essa mulher sabia que estes não tinham feito o assalto... Mas queria acusá-los para serem enforcados em tua companhia...

James entrava nesse momento.

— És um tipo muito curioso... Que procuras aqui?

— Não dizias que o xerife se tinha ido embora? — pergutou o forasteiro e Celeste.

— Não gosto de chalaças! — gritou James.

— Sabes que não trago armas, não é verdade? — disse o alto.

— Cala-te! — reclamou Celeste. — Prestou-vos um grande serviço e, além disso, estou quase certa de que não viu nada... O alto desatou a rir.

— Não se lembraram de me perguntar onde tinha sido o assalto; ter-me-iam apanhado na mentira...

Todos os que o ouviam, riram com ele...

— Mas estou certo de que estes não foram — acrescentou. — Sei quando uma pessoa mente e quando diz a verdade...

— Como te chamas? — perguntou Celeste.

— Sabes também quando os outros mentem? — perguntou o forasteiro a rir. — Porque te vou dizer um nome que não é o meu. Mas é melhor que tenha um... Podes chamar-me Stephen...

— Queres trabalhos aqui?

— Sinto muito... Mas encontrei por fim, uma boa

mina e não posso abandoná-la. Trago nessa manta as primeiras pepitas de verdade e algo de ouro. Virei cá, uma vez por outra para beber...

— Por que não trazes armas? — inquiriu o pequeno Tom.

—Não me agradam... Creio que se anda mais seguro assim... — respondeu Stephen.

— Isso depende das pessoas que encontrares no teu caminho — disse Celeste.

— Não é frequente disparar sobre os desarmados — alegou Stephen.

— Se te encontrares na cidade em frente de Dolly, não te fies muito — recomendou Leonel.

— A essa mulher, sim, considero-a capaz de tudo... Porque não te casas com ela e acabam com os problemas? — disse a James. — Mas já percebo... Estás enamorado desta...

— Olha, charlatão! — avisou James ameaçador. — O facto de andares sem armas não te autoriza a dizer tantas idiotices...

— É que não sabes o que é estar vários meses sem falar com ninguém!... Estou metido nuns desfiladeiros e montanhas inóspitas, que vou vencendo com coragem. Os animais acercam-se de mim e são meus amigos. Até os pumas me fitam a curta distância e não me molestam... Assusta-os que eu esteja tanto tempo sem me terem morto...

— Em que parte estás? — perguntou o pequeno Tom.

— Vocês disseram, por ventura, onde está a vossa mina? — perguntou Stephen.

— Tens razão. Desculpa. Digo que já sou um homem e procedo como uma criança.

— Não tem importância... E até julgo que me vai ser difícil regressar. Era lamentável, porque só agora encontrei o que procurei durante muito tempo.

— Não tendes alguma roupa para emprestar a este rapaz, enquanto a dele se põe a secar devidamente?

Emprestaram-lhe logo roupas que, embora curtas para a sua exagerada estatura, lhe permitiram pôr a dele a secar ao fogo.

— Já vi que trouxeste até um piano que soa bem... — disse Stephen. — Pareces uma mulher estranha... Não és das que tenho encontrado em *saloons* de grandes e movimentadas cidades...

James acusou o desgosto que lhe causava a forma de ele falar com Celeste.

— Não quero que fales com essa confiança a Celeste! — avisou James.

— Escuta, James... Um dia canso-me das tuas impertinências. Parece-me que este rapaz tem razão... Devias casar-te com Dolly; ficarias rico e todos seríamos felizes e viveriamos em paz. Sabes que não te amo e não te amarei nunca! Aprecio-te como amigo, mas nada mais. Peço-te, portanto, que me deixes tranquila...

— Não nos irás dizer que te enamoraste deste compridão...

— Não tenho que te dar satisfações de nada, James! Não o olvides!

Stephen contemplou a cena, sorrindo.

— Não te rias, imbecil! — gritou James.

— Estás muito nervoso! — disse Stephen. — Agora não és justo! Mas creio que não és mau rapaz.

E Stephen pôs-se em pé, provocando a risota pelo aspecto que oferecia, com as calças pelos joelhos.

Até Celeste não pôde evitar as gargalhadas. Mas êle não se incomodou.

— Gostaria de te ver se alguma vez te lembrares de usar um «Colt»! — disse James.

— Pistoleiro? — perguntou Stephen, sorrindo.

— Não lhe respondas, James! Eu vou convidá-lo a beber. É verdade que aceitas? — perguntou Mark.

— Homem, porque não? — respondeu Stephen. — Não julgues que por ter achado finalmente um pouco de ouro, sou tão orgulhoso que não aceite o convite de um amigo.

— Não sou teu amigo — disse Mark.

— Então porque me convidas?

— Para te obrigar a beber todas as vezes que eu quiser. E, se não o fizeres, pularás com os tiros que te disparar para os pés durante o tempo que eu quiser.

Celeste visou Mark com a prontidão de um pistoleiro e disse:

— És um cobarde, Mark! E não quero ver-te mais neste casa. Tentaste vender a tua parte na cidade... Não o disseste a James? Querias meter um desconhecido com êsses três... E agora querias pôr-te de bem com James, obrigando esse moço a beber porque não traz armas...

— Que as traga!

— Não quero! — exclamou Celeste.

— Que receias? — perguntou James. — Que se fira na perna ao «sacar» a pistola? — e desatou a rir. — O facto de não trazer armas não lhe servirá para se rir de todos.

— Parece-me que estou enganada contigo... És tão cobarde como esse...

James empalideceu intensamente.

— Cuidado com essa mão... Dispararei a matar — avisou Celeste.

— Não devem pelejar comigo... Nem por mim... Vou-me embora. É melhor continuarem com a vossa amizade... Mas, se este quer lutar sem armas pode fazê-lo... Tem-me à sua disposição... Parece um homem forte...

— Matar-te-á com os punhos! Não sejas louco! É melhor que te vás embora e não voltes aqui mais — disse Celeste.

Mark tirou lentamente o cinturão com as armas. Era indício de que aceitava o repto.

— Não quero que partam nada aqui! Vão para a rua — disse Celeste.

E os dois saíram. Atrás iam Leonel e Tom.

James ficou com Celeste.

— Parece que este forasteiro te agradou — exclamou James.

— Odeio os cobardes, o que não é o mesmo — respondeu ela.

## V

Decorridos uns minutos depois da saída dos lutadores — James disse a Celeste:

— Se quiseres, faço com que termine a luta. Parece-me que vão deixar o teu herói de uma maneira que, durante um tempo não o reconhecerás.

— Não acredito em tal... Parece um homem forte e decidido.

— Porque não traz armas... Isso é que lhe dá um valor que não teria se trouxesse com ele um «Colt»...

— Eu não me fiaria... O facto de andar sem armas indica que se teme a si mesmo mais do que teme os outros...

James desatou a rir e disse:

— Tens uma grande imaginação! Se ele trouxesse um «Colt», eu me encarregaria de te demonstrar que estás equivocada...

Uns minutos mais tarde, entrava Mark, que mal podia mexer-se e tinha o rosto completamente desfigurado; vinha amparado por Leonel e Tom.

Stephen parecia que não tinha lutado com ninguém. Não tinha o menor sinal.

Celeste olhava para James e sorria:

— Devias ter interrompido a luta... Terás de carregar com ele até à mina.

— Eu é que devia lutar com ele — disse James.

— Penso que não devemos perder a calma — replicou Stephen.

— Não te lembres de lutar com ele — avisou Leonel. — Dava cabo de ti...

— Tem uns punhos terríveis! — disse Tom a Celeste.

Pegaram em Mark e puseram-no atravessado no seu cavalo. Perdera os sentidos e não era fácil que os recobrasse com rapidez. James levava-o para que, quando voltasse a si, não disparasse sobre Stephen, mesmo estando este sem armas, evitando assim um dissabor sério com Celeste.

— Creio que fizeste bem, em parte, nada mais, porque esse homem é a erva daninha dos quatro... Os outros são mais nobres. Esse é um traidor e nunca te perdoará o que lhe fizeste...

— Não tive mais remédio que defender-me — exclamou Stephen. — Preciso de ir à cidade comprar umas coisas que me fazem falta... Irei amanhã de manhã, se me deixares passar a noite aqui.

— Tens de ter cuidado com Dolly... É má pessoa e tem uma grande influência. Há um homem que a pretende pelo que ela vale em questão de dinheiro e que é o pior da população. Aviso-te, porque se sabe o que aconteceu aqui... Deves andar com cuidado. Refiro-me ao dono do armazém onde hás-de ir buscar o que precisas. E o melhor que podemos fazer é irmos juntos. Levar-te-ei no meu carrito... Podes deixar o cavalo aqui...

— Encanta-me a ideia — disse Stephen.

Os empregados fitavam-se surpreendidos.

O dia seguinte amanheceu esplêndido. A tormenta tinha cessado por completo.

— Está um dia admirável — exclamou Celeste.

Stephen contemplava-a com surpresa. Estava muito mais bonita vestida de senhora, como se apresentava.

— Estás preciosa, pequena! Já não me admira que esse James ande maluco por ti...

Ela não disse nada. Mas o seu rosto ficou muito corado.

Sentados os dois na boleia do carrinho puseram-se em marcha. E durante o caminho falaram de muitas coisas.

— És um mineiro estranho — disse Celeste, quando já estavam próximo da cidade. Falas como há muito tempo não ouvia. Recordas-me uma infância em que não quero pensar, mas sempre rodeada de cavalheiros...

— Também te exprimes como não é vulgar nas mulheres que andaram, como disseste que tens feito, por «saloons» e «bares» de divertimentos!...

— Tenho sabido fazer-me respeitar sempre para não perder o próprio respeito... — disse ela. — E hoje não há um só facto de que possa arrepender-me. Por isso, não queria que me obrigassem a disparar e, para defender o que é meu, seria capaz de o fazer... Vou falar com Dolly para que acabe, de uma vez para sempre, com esta luta provocada por ciúmes. Quero que saiba que James não me interessa em absoluto e, se quer vingar-se dele, pela sua indiferença, que me deixe tranquila a mim...

— Creio sinceramente que não vais obter nada

dessa rapariga... Não gosto dela e o que vais fazer é enchê-la de soberba... Não lhe digas nada!

Celeste olhou Stephen de soslaio...

— Porque não cortas essa barba tão espessa e... suja? Parecerias outro...

— É possível que o faça... — disse Stephen.

Ao chegar à povoação que sòmente possuía uma rua digna desse nome e na qual estavam o armazém e o Banco, assim como a estação do Correio, Stephen analisava tudo curiosamente. Também havia um pequeno «bar».

Pararam à porta do armazém.

Havia alguns curiosos a apanhar sol. Próximo estava a repartição do xerife, que, como vira passar o trenzito de Celeste, assomou à porta para a cumprimentar.

Stephen acercou-se do xerife para lhe dizer:

— Pelo que ouvi ontem à noite, o senhor parece-me boa pessoa. Deve fazer compreender a Celeste que não lhe convém falar com Dolly, para pedir que a deixe em paz...

— Este moço tem razão... Ontem à noite, convocaram os cidadãos no armazém de Jonas e decidiram, segundo me disseram esta manhã, dar-vos vinte e quatro horas para saírem daqui...

— Mas isso é uma injustiça. Sabe que estou legalmente nuns terrenos que adquiri em Boise, o que se lhe comunicou em devido tempo. Dentro do prazo regulamentar levantei a casa e o senhor estava de acordo, não é assim?

— Sei que tem razão — disse a Stephen — mas a verdade é que aqui faz-se o que diz Dolly e esse malandrim do Reckon, que é quem manda em todos,

em virtude dos seus quarenta vaqueiros. Não deves dizer nada a Dolly. Está aborrecida pelo roubo do dinheiro e pelo desaparecimento do irmão, que considera morto. Amanhã é o funeral dele...

— E ela passa a ser a única dona do Banco, não é assim?

— Não deves falar assim dela aqui — observou o xerife.

— Vou-me embora o mais depressa possível... Vim para adquirir umas coisas de que preciso.

— Eu comprarei tudo isso de que me falaste — disse Celeste.

E os dois encaminharam-se para o armazém de Jonas, que já tinha sido avisado da presença deles.

Assomou à porta, quando estavam a falar com o xerife e voltou a entrar.

— Olá, Celeste. Suponho que o xerife te informou do que se decidiu aqui ontem à noite — disse Jonas.

— Sim. E vou informar o governador do que se passa aqui. Tencionava resistir, mas não quero que haja vítimas inocentes na «zaragata» que se armaria.

— Suponho que dirás ao governador que deste ordem para assaltar a diligência. Não há dúvida de que foi obra dos teus amigos. Mark falou aqui que necessitavam de muito dinheiro para adquirir máquinas para a exploração da mina.

— Mas se tem dito sempre que essa mina não existe! Como é que mudou agora de ideias? — obtemperou Celeste.

Os que estavam escutando entreolharam-se um tanto surpreendidos e faziam gestos afirmativos entre si.

— É certo o que Celeste diz, Jonas — afirmou um

dos presentes. Sempre disseste que isso da mina era uma mentira... E, sem embargo, afirmaram ontem à noite que assaltaram a diligência para arranjar dinheiro para as máquinas...

— Bom .. Isso é uma ideia que pôde aconselhar o assalto — disse Jonas, violento.

— E não é outra ideia a de o assalto ter sido ordenado por essa mulher para ficar sòzinha com o Banco e com o rancho?... Não sabia ela que vinha esse dinheiro? Eu procuraria os autores do assalto entre as pessoas que sabiam da remessa do dinheiro. O senhor também sabia? Estou certo de que na cidade não o sabia ninguém... A não ser os amigos dessa Dolly...

As palavras de Stephen faziam mossa nos circunstantes.

E Jonas sentia que se deixasse Stephen continuar a falar, a sua situação se tornaria muito delicada.

— Tu não te metas nisto — disse.

— Mas o que estou dizendo é sensato e os julgadores devem tê-lo em atenção. Se Dolly não se desse bem com o irmão, mais suspeita seria. Tem muito interesse em culpar esta mulher e os seus amigos. Seria um golpe de mestre. Eliminava os que odeia e ficava de posse do que era do irmão e dela.

— Já te disse que te cales! Não julgues que lá por andares desarmado ,evitas que dispare sobre ti se continuas a insultar Dolly — disse Jonas, furioso.

— E todos estes te enforcariam, vendo a tua cobardia! — replicou Stephen.

— Enforcá-lo-ia eu — disse o xerife, entrando. — Não acredito que se atreva a fazer o que diz...

— O senhor não faz mais do que ajudar Celeste. E já não tem idade para paixões...

— És um canalha, Jonas! — resmungou o xerife, por entre dentes. — Tentas pôr todos contra mim, dizendo que estou enamorado de Celeste, que pode ser minha filha. Tudo isso porque não concordo com o que vocês fazem... E há que pensar no que diz este rapaz!...

Jonas estava seguro de que muita gente já pensava assim.

Celeste não havia dado motivos nos meses em que ali estivera para que a odiassem. Pelo contrário, era amável com todos.

Por sua vez, sabiam que o ódio de Dolly se devia a ciúmes, por estar enamorada de James.

Uma das mulheres do povo, cujo filho fora morto no rancho de Dolly, acusado de que ia roubar gado, apresentou-se no armazém e exclamou:

— Não deves fazer caso, peqeuna! O ódio de Dolly é por seres mais bonita do que ela e por esse mineiro não lhe ligar importância. E este cobarde ajuda-a porque quer casar com ela para ficar com o que era de Wilson, mais do que a Dolly, porque pertencia à mãe dele... É possível que este a tenha ajudado a ficar com tudo, assassinando Wilson e agora querem culpar os outros.

A pobre mulher foi tirada de ali para que Jonas não disparasse sobre ela, como estava disposto a fazer.

— Isso que intentava é uma cobardia, amigo — disse Stephen — e desprezo todos estes cobardes que lha permitem. Em qualquer localidade do Oeste, depois disto, seria enforcado...

Os circunstants olhavam-se envergonhados, seguros da razão do forasteiro para falar assim...

— Se ele «sacasse» a arma, quem o matava era eu — exclamou o xerife.

— Não se esqueçam do que essa mulher disse e qu é o mais sensato que até agora se ouviu acerca dest tema. Não sabia que não eram irmãos de pai e mãe e, s era mais dele do que dela, está justificado tudo o que se passou e que intentam lançar sobre ombros alheios disse Stephen.

Jonas estava assustado com a atitude dos circunstantes, que tinham aumentado ao ouvir os gritos que dava a mulher quando a levavam para fora.

Celeste pediu o que Stephen queria comprar, como se fosse para ela.

O que estava a aviar no balcão perguntou-lhe:

— Tens algum ferido em casa?

— Sim. Um dos meus empregados — respondeu Celeste.

Jonas retirava-se pouco a pouco, para desaparecer por fim e deixar-se cair numa cadeira, no seu quarto.

Limpava o suor. E pensava que o que se tinha falado lhe daria mais que um desgosto.

Apresentou-se um grupo de vaqueiros, que disse a Celeste que não se preocupasse, porque eles não concordavam com a expulsão decretada.

Mas a chegada de Dolly ia complicar as coisas.

— Alegro-me que tivesse vindo! — disse ao entrar no armazém. — Ontem à noite tomámos a decisão de saires da região no prazo de vinte e quatro horas, que principiarão a contar-me a partir deste momento. Se não partires, nós procederemos à expulsão!...

— Acabamos de dizer que nós não queremos que seja expulsa. Não deves falar em nome da cidade, mas no teu

próprio e no de Jonas, que não foi enforcado por casualidade, e no de Reckon... A cidade não tem nada contra Celeste. Sois vós que quereis esses terrenos para quando cá chegar o caminho de ferro — disse um, valentemente,

— Este tem razão... Demos conta da verdade e não estamos dispostos a fazer-te o jogo e esperamos que apareça teu irmão — disse outro. — É supeito que ele viesse na diligência e tu soubesses do facto, bem como da remessa do dinheiro.

Dolly viu-se cercada pelos que estavam no armazém e teve medo.

— Não podem culpar-me disso...

— Menos se pode culpar a quem tu acusas — opinou Stephen. — O que te dizem agora é o que pensará qualquer Federal dos que hão-de vir, porque vou escrever nesse sentido. Ainda é possível que antes de eles chegarem, estes concordem de uma vez e te enforquem, já que és culpada de tudo...

Dolly lia nos rostos que a rodeavam a pior das intenções e desatou a correr, sem que ninguém a impedisse, para se meter no Banco.

— Que tens? — inquiriu um velho empregado. — Estás branca...

— Estás abusando da paciência de Celeste — disse outro empregado. — Levas o teu ódio até ao exagero e à loucura... Perdeste o juizo por causa do amor a esse moço, que não te fez nenhum mal...

O empregado que lhe falara assim retrocedeu aterrado ao observar que ela pretendia utilizar o «Colt».

Foi o outro empregado que se agarrou a ela, dizendo:

— Estás louca! Não haverá sossego nesta cidade enquanto não te matem ou enforquem. Creio que faço mal

em não te matar agora. Vamo-nos embora. Tu ficas com o teu banco e com o teu ódio.

Desarmou-a e os dois empregados sairam do Banco,

Dolly que, pela janela viu o xerife, teve medo de disparar sobre ambos com um «rifle» em que tinha pegado

O da placa falava com os empregados e todos foram para o armazém.

Pouco depois já se sabia tudo na povoação.

E Dolly, receosa das consequências, dirigiu-se ao rancho de Reckon para o infonmar do que se passara.

— Deitaste tudo a perder! — disse Reckon. — O teu ódio compromete tudo. Agora já não se pode expulsar Celeste de aqui, porque, na realidade está legalmente e, se viessem os Federais, não passaríamos nada bem, nem tu nem eu... Esses terrenos não me interessam até ao extremo de pôr a vida em jogo para satisfazer o teu ódio...

— Tens que ajudar-me... É preciso expulsar essa mulher desta zona— disse Dolly.

— Já não é possível... Cometeste muitas parvoices e, se insistires, a ti é que enforcarão pelo caso da diligência; e aviso-te de que eu penso como eles. Não julgues que me enganas. Foste tu quem planeou tudo. Mas não te saiu como esperavas. Spengler tem medo de falar agora, mas falará. Ele conheceu os assaltantes. Estou certo de isso e de que não eram James e os seus companheiros.

— Não podes culpar-me desse crime! Eu não fui.

E Dolly pôs-se a chorar.

— É preciso esquecer o caso de Celeste e deixá-la tranquila. Vais obrigá-la a matar-te.

Deixou imediatamente de chorar e gritou, mais do que disse:

— Eu é que a hei-de matar a ela! E mais o amante!

— É isso que te põe maluca, mas Celeste não liga nenhuma a James — disse Reckon.

Dolly saiu em silêncio e, montando a cavalo, seguiu para o seu rancho.

Estava convencida de que não podia também contar com Reckon.

Chamou o capataz e esteve quase todo o dia a falar com ele.

No armazém tudo correra normalmente e a população saudava Celeste como se pretendesse demonstrar que não lhe tinha animadversão nenhuma.

Reckon apresentou-se para dizer a Celeste que possìvelmente se tinham deixado levar pelo ódio que Dolly sentìa por ela, mas que não devia recear nada e que a ordem de expulsão ficava sem efeito.

Celeste não respondeu a Reckon.

Mas fê-lo Stephen, dizendo:

— Dolly falou consigo? Teve medo de embarcar num assunto demasiado perigoso, não é verdade? Fez bem... Por esses terrenos não vale a pena perder a liberdade ou a vida... Os federais costumam cavar no passado e pôr a flutuar as coisas que parecem mais ocultas...

— Não falava contigo, rapaz — disse Reckon. — Se fosse o xerife, trataria de averiguar certas coincidências.

— Por exemplo...? — perguntou Stephen sorrindo.

— Não sou o xerife... Mas recomendo-te que não fales mais. Já sei que andas sem armas, mas aviso-te de que isso não é suficiente...

— Estou a ver que me obrigam a comprar umas armas...

— Então não falarias assim, como fazes — replicou um dos homens de Reckon...

— Estás convencido disso?

— Completamente... Que te dêem armas e terminarão as tuas fanfarronadas.

— Não quero levar armas — disse Stephen.

— Não é preciso que as leves. Apenas que te deixem uma...

— Creio que este moço tem razão — disse Reckon, pelo seu vaqueiro.

— Quer que eu o mate? — disse Stephen.

— Vamo-nos embora! — propôs Celeste.

— Não tenhas medo por ele! Só vou assustá-lo — explicou o vaqueiro.

— Creio que é muito melhor para ti que o leve — acrescentou Celeste.

— Tão grandalhão e tão cobarde! — exclamou Reckon.

Stephen esbofeteou ràpidamente Reckon e o seu vaqueiro e deixou ambos sem sentidos.

— Podemos ir embora! — disse a Celeste.

## VI

Celeste receou que se apresentassem em sua casa os homens de Reckon e os de Dolly. Mas não se passou nada nas primeiras horas.

Stephen marchou para a montanha, assegurando a Celeste que regressaria o mais brevemente que pudesse.

Ao despedir-se disse-lhe a jovem:

— Diz a Wilson que não apareça cá sem estar completamente curado.

Stephen mirou-a, com surpresa e, por fim, desatou a rir.

— E, quando voltares, não o faças outra vez sem armas. Far-te-ão falta...

Dito isto, meteu-se no «saloon».

Um dos empregados disse-lhe:

— É pena que esse rapaz se vá embora... Simpatizo com ele. E parece-me que, se o obrigarem a utilizar armas, há-de haver mais que uma baixa...

— Não tardará a voltar... Prometeu-me — disse ela.

— O mesmo devia fazer James. Refiro-me a ir-se embora... Percebeu que esse rapaz alto é diferente dos outros para ti...

Celeste não respondeu, mas o empregado viu-a sentar-se ao piano, preocupada e contente.

Foi no dia seguinte que se apresentaram, à noite, os homens de Reckon com o capataz deste à cabeça.

A sua chegada coincidiu com a de um grupo de trabalhadores do caminho de ferro.

Quando viram tanta gente; as mesas ocupadas na sua maioria e o balcão cheio de bebedores, ficaram paralisados à entrada.

Um dos técnicos, que levava cumprimentos do engenheiro para Celeste, estava a comer com esta no gabinete dela na parte de cima e dali viu os homens de Reckon.

Estes mostravam-se francamente contrariados com a presença de tantos fregueses. Esperavam pouca concorrência.

Mas levavam um encargo e tinham que cumpri-lo.

Procuraram Stephan com atenção.

Quando os viu inspeccionando detidamente as mesas, Celeste percebeu que o procuravam.

Sorria ao ver-lhes nos rostos os sinais de desgosto.

— Não está cá esse tipo muito alto que na cidade bateu, de surpresa, no meu patrão? — perguntou o capataz ao empregado do balcão.

— Foi-se embora... foi para a montanha — respondeu o empregado.

— Fez bem... Vínhamos dispostos a enforcá-lo... — acrescentou o capataz.

A ordem que tinha era, para se vingarem de Celeste, de promover um escândalo que lhes permitisse gastar pólvora para escavacarem as coisas bonitas de que ela estava tão orgulhosa.

— Não compreendo que Celeste desse refúgio a um cobarde com esse e àqueles que roubaram a diligência e

mataram os seus ocupantes! — disse um dos vaqueiros.

Os trabalhadores que escutavam olharam para os que diziam isto e para o empregado a quem se dirigiam.

— Todos vocês sabem que não foram James nem os seus amigos. Vocês estiveram cá quando eles vieram — disse o do balcão.

Celeste que os estava observando, desceu para ver do que se tratava.

Os seus passos eram sublinhados com uma exclamação de geral admiração pela sua beleza, realçada pelo facto de vestir o seu trajo favorito de calça e blusa.

— Que se passa? — perguntou.

— Estávamos dizendo que não devias ter refugiado o cobarde que agrediu Reckon à traição, nem devias permitir que viessem por cá os que assaltaram a diligência — disse o capataz.

— Quem te mandou? O cobarde do Reckon ou Jonas? — perguntou ela.

— Tem cuidado, Celeste, que andas armada.

— Disseram-te que disparasses contra mim ou só contra Stephen? Este foi para a montanha outra vez... Tu bem sabes que não foi James quem assaltou a diligência, porque és um dos que se acercaram para matar Wilson... E foram vocês que levaram os dólares que vinham para pagamento de estes homens...

Os trabalhadores, que estavam a escutar, acercaram-se mais, e o capataz, ao notar esse movimento de cerco, ficou cheio de medo.

— Não devem fazer caso desta rapariga... O que ela diz não é verdade!

— Celeste! — disse James, que entrava com os seus

amigos. — Queres deixar-me a mim falar com esse cobarde?

O capataz sabia que não era o dia em que os mineiros frequentavam o «saloon» e ficou surpreendido por ouvir falar James, de quem tinha ouvido dizer que era um bom atirador de revólver.

— Bom — principiou o capataz. — É possível que o patrão tivesse exagerado, por estar aborrecido com esse tal alto que o agrediu.

— Estavas a dizer que fomos nós que assaltámos a diligência. É o mesmo que dizem o teu patrão e Dolly... Já me cansei de ouvir essa cantiga, cujas notas não me agradam desde o princípio. És um cobarde! E cobardes são os que te acompanham...

James demonstrou que não era falsa a reputação que tinha como pistoleiro.

Ele e os seus amigos deram conta dos que Reckon enviara.

As testemunhas estavam certas de que não houvera vantagem dos matadores, pois deixaram que os que foram mortos fossem os primeiros a «sacar» as armas.

Eram quatro os mortos.

— Onde está esse altarranas? — perguntou James.

— Queres continuar matando? — disse Celeste.

— Só perguntei, nada mais — replicou James, enfadado.

— E eu acabo de responder. Por sorte para ti, não está aqui já.

James desatou a rir.

— Há ocasiões em que te acho muita graça, Celeste — disse ele. — Está escondido? Podes dizer-lhe que passou o perigo que pairava sobre ele. Eu não tenho tenções

de o matar. Quero apenas convidá-lo a que se vá embora de aqui e que não volte mais a esta casa.

— Já te disse que se foi embora. E com isso tiveste muita sorte... Poderia brincar contigo, se fosse para manejar o «Colt» — disse Celeste.

— Continuo a achar graça ao que dizes.

— E tu continuas a cansar-me, James. Não gosto de te ver presumir de valentão.

— Espero que tenha o bom senso de não regressar mais — disse James.

— E eu confio em que, se o fizer, não fales como agora.

As risadas de James fizeram Celeste acrescentar:

— Estás borracho, James?

— Não o creias! Mas vamos tomar um compromisso perante estas testemunhas todas... És minha noiva... Devem todos ficar sabendo... E, portanto, sagrada para os outros... De acordo, rapazes?

— Escuta, James... Não me obrigues a ser eu que te mate, porque te apreciei até agora, supondo que não eras o que estou vendo que és...

— No dia em que estiver convencido de que te enamoras de alguém que não seja eu, mato-te — afirmou James.

— Se, porventura, me enamorar de alguém, não serás tu, fica sabendo.

E, dizendo isto, Celeste voltou as costas a James.

Como um louco, correu para ela.

Mas o pequeno Tom, gritou-lhe:

— Quieto, James! Se lhe tocas, mato-te. Não deves obrigá-la a querer-te... Já estás a ver, desde há meses, que não te ama...

James voltou-se lentamente e exclamou:

— Escuta, pequeno!... Não estás em condições de te defrontar comigo... Sei que praticas muito, mas não estás ainda em condições disso. Assim, está quietinho.

— Não és justo com ela, James — disse Tom, confiado.

E, quando ninguém esperava, James disparou sobre ele.

E, apontando a arma para Celeste:

— Foi ele que o quis... E, se te mexes, mato-te também!

Uma onda de medo avassalou a existência.

Celeste ficou paralisada quando viu nos olhos de James que estava disposto a cumprir o que dizia.

Quando James saiu com os outros dois notou que Tom se mexia.

Com os olhos cheios de lágrimas curvou-se sobre ele.

— Preciso dum médico — disse ao verificar que apenas estava ferido.

Ao abrir os olhos, Tom mirou, sorrindo, Celeste.

— Enganou-me! — exclamou. — Não julguei que disparasse sobre mim...

— É um vulgar assassino! — afirmou Celeste.

E abraçou-se novamente a ele, chorando.

— São iguais os três — disse um empregado. — Mark ia dizendo que o deviam ter matado mais cedo.

— Não acredito que se atreva a vir por aqui! Sabe que o mataria à traição se fosse preciso.

Ela mesmo levou Tom no seu carrinho até à cidade, onde fizeram levantar o médico para tratar do ferimento.

— Não é grave — disse o doutor. — Um centímetro

mais acima e morreria imediatamente. Estará bom dentro de uma semana.

Celeste ria satisfeita e levou o ferido para sua casa. O doutor prometera que iria vê-lo todos os dias.

Participou o que se havia passado com os homens de Reckon.

Na manhã seguinte apresentou-se o xerife com uns homens. E, quando soube por Celeste o que se passara, disse para o avisarem se James aparecesse por ali outra vez.

— Agora creio que um homem assim é capaz de fazer um assalto a uma diligência — disse o xerife.

— Odeio-o de toda a minha alma pelo que fez a Tom, mas não foi quem assaltou a diligência, xerife—disse ela.

— Já viste que estavas enganada a respeito dele! — acrescentou o da placa.

— Asseguro-lhe que não foi ele.

— É certo isso da mina? — perguntou o xerife.

— É — afirmou Celeste. — Fez de mim uma questão de honra e se não fosse isso, procederia de outra forma... Está louco! Estimava muito Tom e foi capaz de disparar sobre ele porque o censurou.

— É um homicida e terei muito gosto em prendê-lo, se aparecer outra vez por aqui...

Mas, nessa mesma noite, apresentou-se um grupo de vaqueiros, entre os quais iam muitos de Dolly, que reclamavam Tom, para o enforcar, por ser um dos assaltantes da diligência.

Se não fosse a presença dos trabalhadores, que assustou os vaqueiros, tê-lo-iam levado.

Pediu a um dos técnicos que ficasse com o ferido

no seu acampamento e ele assim o fez, levando-o nessa mesma noite.

Deste modo, ela ficava mais tranquila.

Entre os trabalhadores, figurava um tal Big Sturgeon, pistoleiro, que começou a fazer cerco a Celeste, assustando todos.

Ninguém dizia nada à pequena, estando ele presente.

— Este «saloon» é um bonito negócio e os dois juntos podíamos arranjar muito ouro. O que tens a fazer é deixar que seja eu a tratar destes assuntos. Nada de ser tão legais com o jogo — dizia. — Tens de deixar que se faça batota com as cartas e que se preparem as mesas de roleta.

Celeste olhava-o sorrindo e respondia:

— Enganaste-te comigo!... Na minha casa nunca se fará batota e, se surpreendesse alguém a fazê-la, seria enforcado pelos outros porque eu o denunciaria. Não tornes a falar assim, se não queres que diga a todos o que propões... E no que me diz reespeito, equivocas-te redondamente...

— Espero que penses melhor — disse Big. — Não sou daqueles com quem se pode brincar!

Celeste não discutiu mais com ele, mas mandou recado ao engenheiro para ele dar conta do que se passava.

E Big recebeu ordem para ir para um lugar mais afastado do «saloon».

Desatou a rir e disse:

— Está bem. Despedir-me-ei. Em casa de Celeste ganharei tanto como trabalhando.

E apresentou-se no «Lucky Boy», dizendo a Celeste:

— Não conseguiste nada em falar com o engenheiro.

Isto é um hotel e vou-me instalar aqui! Espero que não impeças que me sente a jogar com os meus, até hoje, companheiros de trabalho...

— Se fizeres batota, eu te direi!... — respondeu Celeste.

Big convenceu-se de que Celeste era uma mulher de carácter e estava disposta a fazer o que dizia.

Isto supunha para ele uma grande complicação, porque todos percebiam que se ele se despedira era porque pensava jogar com batota.

E sentou-se a primeira noite a jogar lìcitamente e teve sorte, ganhando uns trinta dólares.

Mas não estava acostumado a jogar assim e não queria que ela se emproasse.

Nos outros dias ganhava pelo medo dos outros. Receavam que disparasse sobre os que discutissem as suas jogadas e às vezes deixavam-no levar o dinheiro, para não fazerem um lance superior ao dele.

Numa semana ganhou duzentos dólares.

Mas eram muito poucos os que se sentavam a jogar com ele. Cada dia se irritava mais. E uma noite disparou sobre um que lhe discutiu uma jogada.

Isto culminou o medo que lhe tinham.

Celeste sabia que não houvera «vantagem», porque insultara o outro para o forçar a mexer as mãos em busca das armas. E, como estava ressabiado com ela porque não lhe dava atenção, decidiu sentar-se a jogar na roleta.

Na segunda noite armou um escândalo com o encarregado da mesa, assegurando que pusera dinheiro no negro, que saíra premiado.

Os circunstantes não se atreveram a desmenti-lo.

Na noite seguinte, quando se acercava da mesa para jogar, Celeste disse ao encarregado:

— Deixa... Eu atendo esta mesa!...

Big mirou-a com interesse. E soube imediatamente que não podia recorrer naquela noite a trapaças, porque os homens do «saloon» estavam vigilantes e prontos, com as armas apontadas.

Duas horas mais tarde ficava sem um único dólar.

— Parece que esta noite não tens tanta sorte — opinou Celeste, com zombaria.

Big olhou para os empregados, sempre atentos nele.

— É certo — disse. — Hoje não estou com sorte. E, o que é pior, perdi o dinheiro todo...

— Podes voltar a trabalhar, se é que te admitem...

— É possível que encontre trabalho — disse Big.

Tinha ouvido, nos dias em que estivera no «saloon», o que se passava entre Dolly e Celeste e apresentou-se na cidade para falar com aquela.

Dolly, depois de uma conversa de mais de uma hora, admitiu-o, encantada.

E nessa mesma noite ele apresentou-se no «Lucky Boy» com alguns vaqueiros de Dolly, de Jonas e de Reckon.

Quando o viu, Celeste franziu o sobrolho.

— Venho pagar-te os dez dólares que devo da pensão destes dias — disse à jovem... — Já estou colocado... Estou no Banco.

— Alegra-me que encontrasses trabalho — disse Celeste, para não altercar com ele.

Mas, uns minutos mais tarde, observava que todos eles estavam fazendo trapaças nas diversas mesas de jogo em que se encontravam.

Os trabalhadores que o notaram também, deixaram de jogar, pretextando haverem ficado sem dinheiro. Quando Big se dirigia sorridente para a roleta, Celeste bradou:

— Suspende o jogo, Donald... Não há dinheiro na casa.

— A bola tem de continuar a rolar! — disse Big.

— Se te encarregares da banca, eu serei um dos pontos — anunciou Celeste. — Não disponho de um Banco como tu...

Mordendo os lábios de raiva, acercou-se de Celeste para dizer:

— Hei-de matar-te, pequena!

E saiu com os seus acompanhantes, que celebraram na cidade a sua boa sorte ao jogo.

James não voltara ali. Conhecia Celeste e não se queria expor a que o alvejassem pelas costas.

Tom tinha melhorado e apresentou-se no «saloon» para que Celeste lhe permitisse que ajudasse na casa.

Ficou muito contente por vê-lo já bom e disse-lhe que podia ficar uns dias, mas que depois deveria trabalhar na construção do caminho de ferro. Ela falaria com o engenheiro.

Uma notícia comoveu a cidade e Celeste: Spengler aparecera morto.

Desta morte foram acusados James e os seus. Sem embargo, Celeste defendeu-os, apesar de quanto os odiava.

Dolly sabia fazer a campanha para precipitar a máquina de linchamento contra James e o «Lucky Boy» que o protegia.

Mas conhecia-se na cidade o que se passara com

James e Tom e isso travava as ânsias de castigo para a mulher que estava desejando punir James.

Ressuscitou-se a acusação contra Tom, como autor do assalto à diligência.

— Se obrigarmos esses rapaz a falar, antes de ser enforcado — dizia Dolly — confessará a verdade. E eu estou disposta a gratificar bem quem consiga essa confissão... Com mais dois mil dólares, se nela se incluir Celeste.

Dizendo isto, olhava para Big significativamente.

Este acercou-se dela e disse em voz baixa:

— Cinco mil e é a coisa arranjada!

— Combinado — acedeu Dolly, radiante de alegria.

## VII

Tom tinha voltado ao «Lucky Boy».

Celeste correu a saudar Stephen, quando o viu entrar no «saloon».

E convidou-o para comer no seu gabinete reservado. Deu-lhe conta de tudo quanto se passara durante o tempo em que estivera longe.

Tom cumprimentou-o também e ficou com eles no gabinete.

— Não voltou, então, a vir aqui? — perguntou Stephen, referindo-se a James.

— Sabe que, se o fizer, o matarei — disse Celeste.

— Agora é pior do que ele esse Big que está colocado no Banco — disse Tom. — Temem-no todos os que trabalharam com ele no caminho de ferro.

— Como dizes que se chama? — exclamou Stephen. — Big... que mais?

— Sturgeon — disse Celeste.

Stephen pôs-se a rir.

— Ora! Ora! De modo que Big está aqui? E conseguiu assustar os outros? Não posso acreditar!

— Colocou-se como homem de confiança de Dolly... A que me odeia com toda a alma...

— Não há dúvida que é má pessoa. «Vantagista» em

todos os terrenos e sem nenhum bom sentimento... Conheci-o há uns meses em Butte... Deve ter vindo de lá com os do caminho de ferro. Algo trama essa mulher com a ajuda dele, que é inteligente, embora tenha aspecto de bruto...

Estavam tomando café quando entrou um empregado, muito assustado, para dizer:

— Há vários vaqueiros da cidade, com Big à cabeça, que perguntam por Tom, para o levar. Creio que querem interrogá-lo sobre o caso da diligência e até asseguram que tu estás implicada nisso...

— Não saias de aqui — disse Stephen.

— Estão todos assustados porque têm as mãos ao pé das armas!

— Tom — disse Stephen. — Podes descer ao páteo e tirar da manta que está no meu cavalo um cinturão com dois «Colts»?... Espera! Irei contigo! Por onde podemos sair sem ser por esta porta? — perguntou a Celeste.

— Pelo meu quarto. Há uma escada que conduz à cozinha.

— Não saias de aqui... Deves estar o maior tempo possível—recomendou Stephen à jovem.—Quando saires não leves arma nenhuma... Creio que vem decidido a algo que não me agrada... Dessa mulher há que esperar tudo. E esse biltre, por dinheiro, é capaz de matar a mãe. E ela tem dinheiro em quantidade.

Com Big tinham ido o capataz de Dolly e só dois homens do seu rancho. Os outros eram do rancho de Jonas.

Todavia, Big, ao entrar no «saloon», disse que ia revistar a casa.

E saiu de ali.

Não queria estar presente quando disparassem sobre Celeste, que era a ordem que os outros levavam.

Devia esperar próximo da casa.

Para isso dissera aos seus acompanhantes que, como tinha discutido com Celeste, não queria que o xerife o acusasse de vingança.

Deste modo pensava extorquir mais dinheiro a Dolly, sem se comprometer directamente na morte da jovem e de Tom.

Stephan e o pequeno Tom chegaram ao pátio e o primeiro afivelou o cinturão com as armas, que Tom examinava entusiasmado, pois nunca vira outras tão compridas como aquelas.

— Por que não as trazias postas? — inquiriu o rapaz. — Sabes manejá-las?

— Um pouco.

E os dois voltaram a entrar na cozinha, de onde escutavam o que se dizia no salão imediato, graças ao silêncio que reinava.

— Onde está Celeste? — perguntou o capataz. — Viemos para falar com ela e com Tom. Apareceu o cadáver de Spengler, que era o único que podia dizer quem eram os assaltantes...

— Então não era a James e aos seus amigos que podia interessar que Spengler morresse, porque eles não cometeram esse assalto — disse Celeste, aparecendo no alto da escada.

O capataz e os que o acompanhavam notaram que ela não trazia o revólver e isso era uma contrariedade para os seus propósitos.

Tom espreitava pelo postigo que havia na cozinha para servir as comidas no salão.

— Não vejo Big — disse a Stephen. — Não está lá... Só vejo os vaqueiros de Dolly e um de Jonas... O do armazém...

— Parece que não usas agora «Colt» — disse o capataz.

— Desgosta-te, por acaso, que eu não traga armas? — inquiriu Celeste, sorrindo. — Isso contraria-te, segundo parece, Talvez quisesses disparar sobre mim. Onde está Big?

— Regressou à cidade. Foi em busca do xerife para que não diga que nos metemos em assunto que lhe diz respeito.

— Que assunto é?

— Prender Tom — disse o capataz — e a ti também.

— Porquê? Quem o ordenou? Dolly? Não acredito que o xerife concorde.

Era certo que Big, para afastar suspeitas, voltara para avistar o xerife, mas queria que, quando chegassem, já tivessem morto as duas pessoas que lhes interessavam.

— É o senso comum... Está tudo muito claro... — observou o capataz.

Tom saiu para ver se Big estaria nas imediações.

Quando regressou dizendo que não havia ninguém... entraram os dois no salão.

Tom ia sem armas também, por indicação de Stephen.

— Nada têm contra mim!... Já sabem que James quis matar-me por defender Celeste... E nós não fizemos o assalto...

— Tens que vir connosco à cidade para se esclarecer tudo.

— Irei quando vier o xerife. Não quero que vocês me linchem no caminho... — afirmou Tom, que dizia tudo quanto Stephen lhe indicara.

— Ora! Você nem sequer traz revólver e presumia de ser rápido!... — exclamou o capataz, contrariado. — Era algo que não sabia resolver e gostaria que Big estivesse ali.

Estava a ver que nada se passaria até chegar o xerife e não podiam disparar contra duas pessoas indefesas e desarmadas.

Parece que os contraria muito que Celeste e este rapaz estejam sem armas — disse Stephen. Em contrapartida, surpreende-os que eu esteja armado. Parece que vocês vieram procurar-me depois de castigar o cobarde do Reckon...

— Alegra-me muito que estejas armado! Gosto de falar com quem está em condições de se defender—disse o capataz, que odiava Stephen.

— Foi muito o que Dolly ofereceu pela morte de Celeste e deste rapaz? Quando o xerife vier não encontrará os mortos que o cobarde do Big espera... Sabe não se meter em sarilhos e comprometer os outros... Além de cobardes, sois parvos!...

Tom olhava admirado o que se passava.

Os quatro acompanhantes do capataz morreram sem chegar a «sacar» as armas e o capataz recebeu tantos tiros seguidos que o seu corpo, sem cair no solo, andava para um lado e para outro, por causa das balas que o impeliam.

E tudo havia sucedido com uma rapidez meteórica.

Tranquilamente, Stephen pôs-se a renovar a carga das suas armas.

Os circunstantes olhavam-no admirados.

— Isto sim, que é disparar com rapidez! — exclamou Tom, assobiando de surpresa. — Se James te visse, ele que se ria de ti e dizia que, se tivesses um «Clot» pendurado, te feririas na perna quando fosses a «sacar»...

— É muito possível que me veja «sacar» alguma vez, se estiver na minha frente... E a surpresa não lhe durará muito...

— Assustaste-me, rapaz, porque eram inimigos de respeito... Souberam escolhê-los bem — disse Celeste, descendo a escada. — Mas já vejo que eram crianças ao pé de ti...

— Tive sorte... — disse Stephen. — Agora há que colocá-los à porta, porque hão-de vir por eles...

Os empregados não demoraram muito a fazê-lo.

Big tinha chegado a casa do xerife para lhe dizer que não lhe agradava fazer nada sem o consultar e que viera do «Lucky Boy» para que o acompanhasse lá, a fim de deter Celeste e Tom.

— Não concordo com essas detenções! Já vejo que Dolly continua a fazer maluquices...

— Conclui-se que foram eles que mataram esse condutor da diligência — explicou Big. — Era ele quem podia dizer, longe de aqui, onde não houvesse perigo para ele, quem foram os do assalto. Aqui tinha medo de James, sobretudo depois de saber que disparara contra Tom.

— Eles não foram os assaltantes da diligência... Estou seguro! — declarou o xerife.

— O que receio é que Celeste queira disparar sobre esses rapazes... Estavam muito zangados... — disse Big.

— Se matarem Celeste, enforcá-los-ei a todos...

— Eu não teria a culpa... Será dela, que não pensa que os outros vão armados também. Bem vê que vim buscá-lo...

— Mas parece-me que o terias feito por saber que estão dispostos a disparar sobre essa rapariga... — disse o xerife.—Estás ressabiado com ela porque não te deixou fazer trapaças no jogo. E Dolly soube aproveitar o teu ódio! Mas já te digo que mais vale que não tenha sucedido nada até chegarmos!

O xerife não quis ir sòzinho com Big. Chamou os vizinhos em que podia confiar e Big teve medo que o enforcassem...

Mas já não podia deixar de ir com ele.

Pelo caminho continuou a justificar-se.

E, quando chegaram ao «saloon», um dos que acompanhavam o xerife deu conta de que estavam vários corpos no chão.

Desmontou e, ao aproximar-se, disse:

— É o capataz de Dolly e uns vaqueiros do seu rancho e de Jonas.

O xerife olhou para Big e disse:

— Parece-me que sucedeu tudo ao contrário do que esperavas...

— Eu não esperava nada, xerife... Temia que se passasse qualquer coisa como isto... Não devo entrar... Podem julgar que venho animado dos mesmos propósitos que estes e dispararem sobre mim... Convença-os da minha boa fé.

E Big voltou a garupa ao seu cavalo e regressou à cidade.

Foi ao rancho de Dolly para a informar do que se passava e como tinham preparado as coisas.

— Não compreendo o que aconteceu! — exclamou.

— Pois está bem claro! — disse Dolly. — Comprometi-me para não conseguir nada. Eu julgava que era um homem decidido... devia ter sido você... Eles não manejavam o «Colt» como você... E já não se pode repetir — acrescentou Dolly, muito desgostosa. — Eu não quero saber nada de tudo isto. Fizeram-no sem contar comigo. De acordo?

— Foi coisa do capataz... — disse Big.

— Seja quem for... menos eu... Que estupidez! Vou ter que afastar-me daqui uma temporada!

— Eu me encarrego disso... Saberei fazer as coisas e as farei eu mesmo — prometeu Big.

— Creio que tem demasiado medo nestes momentos, para falar disso.

E os dois foram falar com Jonas. Mas este nada sabia tão-pouco.

*

O xerife entrou com os seus homens no «saloon». Celeste olhava-o um pouco preocupada.

Por sua vez o homem da placa sorria nobremente.

— Alegra-me não seres tu que encontrei morta e parece-me que me avisaram para vir ver o teu cadáver e o de Tom... — disse.

E Big? — perguntou Celeste.

— Ao ver o que estava à porta fez meia volta e regressou à cidade — respondeu o xerife. — Foi-me buscar para que te viesse prender, a ti e a Tom. Disse-lhe que não concordava. E falou-me do perigo de trazeres revólver. Mataste-os tu?

— Fui eu, xerife — disse Stephen. — Percebi o que se propunham fazer e disse a estes que se apresentassem desarmados. Isso surpreendeu-os e contrariou-os. Mais tarde provoquei-os por minha vez e está a observar o resultado.

— E ria-se James de ti e os que te viram sem armas... Entre eles Reckon... Quando o souberem, parece-me que sairão daqui durante uma temporada...

E o xerife ria de boa vontade.

— Nada temas, rapaz! — acrescentou. — Não penso maçar-te... Estou certo de que evitaste um crime... mas hás-de ter cuidado com esse Big... Parece-me que foi ele quem forjou tudo, de acordo com Dolly, que não perdoa a Celeste.

— Podem beber o que quiserem — disse esta.—Paga a casa.

Quando o xerife se despedia, disse a Stephen:

— É melhor trazeres as armas nos coldres... Sempre que não haja perigo para ti, entenda-se... Mas se as trouxeres e houver necessidade de as utilizar... que se lhe há-de fazer?!

Stephen sorria e, ao vê-lo caminhar, disse a Celeste:

— É um bom homem!

— Não compreendo que continui a ser xerife... Não o estimam os que governam a cidade. E não se curvou perante eles... Faz-me medo!

— O povo há-de estar com ele quando achar conveniente — opinou Stephen.

— Pode ser que tenhas razão.

O xerife e os seus acompanhantes levaram os mortos para serem enterrados na povoação.

A pequena cidade comoveu-se ao saber pela manhã o que havia acontecido em «Lucky Boy». A notícia foi dada pelo xerife e pelos que tinham estado com ele no estabelecimento de Celeste.

— Agora sabe-se que foi um só homem que fez esses mortos... E você não se atreveu a entrar! — disse Dolly mordazmente a Big. — Você tinha fama de manejar bem o «Colt» e de que lhe guardavam medo os trabalhadores do caminho de ferro, mas Celeste soube rodear-se de homens que são superiores. Primeiro James e agora este...

— Eu me encarregarei dessa rapariga, seja ela quem for... Ontem à noite não podia entrar, porque havia espiões à porta, visto que estive no «saloon» a princípio.

— Parece que o xerife assegura que se trata de um que se apresentou no dia do assalto à diligência... Ia então sem armas... Devia ser um truque para não suspeitarem dele. Há que saber aproveitar isto para o acusar de estar de acordo com James e os outros... Faz-se correr o boato para o xerife ser deposto e nomeado um com mais planta — disse Dolly.

Big concordava com tudo e quando se apresentou em casa de Jonas, este ajudou-o na campanha contra o xerife...

Foram avisados os vaqueiros da casa de Reckon, para assistirem ao enterro e por tal motivo a cidade parecia em dia de festa grande.

A excitação de todos prestava-se para a campanha contra o xerife e predispunha os ânimos para todas as violências.

O da placa, ao entrar em casa de Jonas, teve a intuição de que algo sucedia.

Tratou de o averiguar e um vaqueiro disse-lhe:

— Olhe, xerife. Estamos a tratar de encontrar outra pessoa que tome conta duma placa para acabar com o abuso dos que manejam bem o «Colt».

— Suponho que te referes ao que está agora no Banco e que era pistoleiro no caminho de ferro... Mas há mais... Eu fui escolhido por eleição e só por esse mesmo processo deixarei de ser xerife... Queixar-me-ei ao Governador se intentarem arrebatar-me a placa pela força.

— Pode queixar-se a quem quiser... Mas vamos nomear outro e vai ser precisamente esse de quem está falando. Ele, pelo menos, não tem medo de defrontar os que manejam bem o «Colt».

— Porque não entrou, então, ontem à noite comigo no «Lucky Boy», quando viu que estavam cadáveres à porta e que ele abandonou para me vir buscar... Deu meia volta e fugiu como alma que leva o diabo... É a esse que vão nomear xerife? Já vejo que é uma manobra de Dolly!... E como estou certo de que Jonas e Reckon, com os seus vaqueiros a ajudam, não quero que haja sangue por minha culpa... Aí vai a placa... Podem dá-la a quem quiserem, mas já sabem que tudo o que com ele se fizer será um crime... E tereis de dar conta de tudo ao Governador...

E o xerife deixou a placa sobre o balcão da casa de Jonas, que não sabia que fazer, nem que dizer.

Quando chegou Reckon e o informaram do sucedido, comentou:

— Estão a fazer o jogo de uma louca... Não contem comigo para essa estupidez... Não quero que me enforquem os enviados do Governador ou os soldados. Porque

isto será considerado como uma rebelião e podem intervir os militares.

Mas havia-se bebido já demasiado «whisky» e Big soube explorar o facto.

Reckon procurou Dolly, que estava no Banco, disposta a presidir ao enterro.

— O que haveis feito com o xerife é a maior loucura de todas! Não haveis pensado no alcance desta acção!...

— Quando terminarmos com o que não devemos permitir na comarca, poderá encarregar-se outra vez o xerife da respectiva placa — disse a jovem.

— Não digas mais tarde que não te adverti. Terás que dar conta sòzinha de tudo isto e não contes com um só vaqueiro meu... Ao que tentar ajudar-te, pô-lo-ei na rua...

— Eu o admitirei... — disse Dolly. — Estou disposta a acabar com Celeste e esses outros.

— Vais tu defrontar-te com eles? — perguntou Reckon zombeteiro.

— Isso é da minha conta!

— E de Jonas, já sei. Não quero uma jarda desse terreno... Cedo-a...

E Reckin saiu para a rua a fim de se juntar aos seus vaqueiros e depois tomar parte na comitiva do enterro.

## VIII

A notícia de que Big era o novo xerife da cidade chegou ao «saloon».

O xerife cessante foi quem o disse, anunciando que se dirigia para o Forte, a fim de informar de que se tratava de uma rebelião.

Os do caminho de ferro o ajudariam, visto que o que se propunham era entravar a marcha das obras.

Celeste olhava Stephen e este sorria.

— Não creio que dure muito tempo! — comentou.

— Não virá por aqui. Espera que vão levar o dinheiro ao Banco.

— É possível que seja eu a fazê-lo — disse Stephen. — Boa surpresa está reservada a esse cobarde!

— Tens de ter cuidado porque escolheu para ajudantes o pior que havia no rancho de Jonas e de Dolly e são quatro os que nomeou e que não saem do gabinete e do armazém.

O xerife esteve a comer com eles antes de seguir viagem. Quando partiu, Celeste disse:

— Não deves aparecer na cidade... Isso é o que eles querem...

Stephen ficou silencioso.

Dois dias depois, um dos empregados foi para a cidade com o dinheiro.

Quando viram acercar-se o carrinho que Celeste utilizava, foi avisado Big, que passava os dias no armazém.

E esperaram, preparados para deter a pequena, à porta do Banco.

Muitos curiosos se tinham reunido ao saber da notícia do que se ia passar.

Quando o carro parou, o empregado mirou curiosamente os que estavam em frente do Banco.

Big compreendeu a burla que o facto representava para ele e saiu do Banco a praguejar.

— Porque não veio Celeste? — perguntou.

— Não se encontra bem de saúde...

— Podia ter mandado esse pistoleiro... — acrescentou Big.

— Esse rapaz disse-me que te desafia, perante toda a cidade, tu só, para uma luta de morte... E que espera que não tenhas medo como na outra noite...

— Sou o xerife desta cidade e não posso aceitar reptos desse tipo...

Dolly, que estava escutando e tão furiosa como ele, saiu, para dizer:

— Não lhe deves ter medo! Diz-lhe que venha e nos encarregaremos dele.

— É só com este que se quer defrontar — acrescentou o empregado.

— Trata-se de um pistoleiro e pode ser morto pelo xerife e seus ajudantes, da forma que este julgue mais conveniente...

— Vão chegar os soldados — disse o empregado — e esclarecerão o caso da destituição do xerife... Pediram-no

os do caminho de ferro... E, para evitar a traição de que falas, acompanharão esse rapaz centenas de trabalhadores. Big terá de o defrontar sòzinho...

Dolly sabia que os circunstantes estavam de acordo com o empregado.

— Não posso admitir dinheiro, se porventura o trazes! Deve encarregar-se dele o xerife, porque é dinheiro de roubos... — afirmou Dolly.

— Não trago um cêntimo. Só vim para dizer a Big o que todos ouviram.

— Não lhe darei o que aqui tem...

Ouviu-se um murmúrio que preocupou Dolly.

— Não tendes que recear... Com o vosso dinheiro não sucederá o mesmo... É que o dela foi conseguido com trapaças nas mesas... — disse Dolly.

— Não incluiste o preço das reses que me roubaste a mim? — disse a mulher que já protestara doutras vezes. — Esse dinheiro está no teu Banco...

— Levem essa mulher de aqui ou acabarei por matá-la.

— Já o fizeste com o meu filho. És assassina e cobarde, além de ladra. Mas todos estes terminarão por te enforcar, quando perceberem que vais fazer correr um rio de sangue só pelo teu ódio...

Levaram a mulher, mas as suas palavras haviam feito mossa no auditório e Dolly sabia-o.

Por isso estava tão furiosa.

— Disseste que eras capaz de matar esse rapaz e Celeste — disse a Big, ante a surpresa de todos. — Deves demonstrar que é certo... Aceita o repto!

— Está bem! — exclamou Big, ante a surpresa de

todos... Podes comunicar a esse indivíduo que o espero no dia e à hora que indicar...

— Amanhã a esta hora! — disse o empregado.

Quando subiu outra vez para a carrinha, os curiosos dispersaram-se pela cidade, comentando as últimas palavras de Dolly.

Exprimira, na forma raivosa de falar, a razão por que Big fora nomeado xerife da cidade.

Este queixava-se:

— Não devia falar como falou... Provocou o povo todo...

— Estava furiosa, reconheço, e quando me zango não sei o que digo...

— Não pode negar o dinheiro que Celeste tem neste Banco — comentou Big. — Será fechado e terá de entregar todo o dinheiro aos depositantes... Obrigarão os militares, por ordem do Governador, que se faça assim...

Mas nessa mesma tarde se apercebeu da sua grande tolice:

Havia bicha, à hora de abrir o Banco, para retirar o dinheiro. Dolly foi avisada no rancho do que se passava.

— Isto é consequência do que disseste do dinheiro de Celeste — disse um.

— E encobre um perigo imenso, porque empregaste na ganadaria muito desse dinheiro e, se não puderes pagar a todos, deitarão fogo à casa e serás enforcada... Reckon é um dos que querem retirar o seu dinheiro...

Dolly estava assustada.

Galopou para a cidade e vendo a multidão que estava esperando sentiu imensa angústia.

— Que se passa? — inquiriu. — Estão todos loucos?

— Queremos o nosso dinheiro... — responderam.

— Isso é uma parvoice! O que disse de Celeste foi porque estava furiosa...

— Queremos o nosso dinheiro! — gritaram vários.

— Duvidas de mim? — perguntou a um, frente a frente.

— É que...

— Fala!

E disparou sobre ele, mirando os outros.

— Há mais alguém que duvide de mim e do meu Banco?

Os circunstantes retiraram-se, assustados.

— Dolly! A mim vais-me entregar todo o meu dinheiro agora mesmo — disse Reckon.

— Não me podes fazer isso, Reckon! — disse Dolly angustiada.

— Até ao último centavo... Disse-te que o teu ódio a Celeste e o teu amor a James te levariam à corda e estás já muito perto dela. Este crime que acabas de cometer, se houvesse xerife, seria suficiente para isso...

— Insultou-me, Reckon. Duvidou do meu Banco.

— Eu peço-te o dinheiro, como ele fazia... Porque não disparas sobre mim?

— Vais fazer com que fique louca!... — disse, entrando no Banco. — Podes entrar. Dar-te-emos tudo o que é teu... A parte que faltar, irás recebê-la ao Forte...

Isto era uma ameaça e Reckon sabia-o. Não se podia brincar com aquela mulher.

Era muito o que sabia dele e não lhe convinha discutir abertamente com ela.

Por isso, minutos mais tarde, já todos se haviam tranquilizado.

Mas os comentários na cidade não era possível suspendê-los.

Tinha morto um caseiro, que vivia sòzinho, sem família.

E Dolly disse que o dinheiro que ele tinha no Banco, se não se apresentassem os herdeiros, o daria para a Escola.

Big estava assustado, apesar de ser um homem sem sentimentos, mas via-se ultrapassado por aquela mulher sem entranhas.

Adulavam-no os seus ajudantes. E durante a noite só se falou da visita que no dia seguinte lhe faria o que lhe tinha enviado o repto.

— Há-de estar louco! — dizia. — Teve ocasião de ouvir falar de mim aos que trabalham no caminho de ferro.

— É melhor matá-lo perante todos... deste modo, mais te respeitarão na cidade — dizia um dos ajudantes.

O caseiro morto foi olvidado pela maioria.

Esperavam o dia seguinte.

E logo de manhã, muito cedo, viam-se a passear pelas ruas da cidade vários trabalhadores do caminho de ferro, e muitos entraram no armazém de Jonas.

Uma hora antes da que fora fixada, as ruas estavam invadidas por forasteiros.

— Parece que não haverá possibilidade de surpreender esse rapaz... — era a opinião geral.

Quando Dolly chegou do rancho, ficou surpreendida por ver tanto forasteiro.

Jonas acercou-se dela para dizer:

— Se havias pensado nalguma traição, podes desis-

tir... Os vaqueiros são quatro vezes mais... E todos armados!

— Terá de o defrontar sòzinho — disse Dolly.

— Procura não perder as estribeiras, como ontem... Não gosto do aspecto desta gente — acrescentou Jonas.

Não era preciso falar assim a Dolly, que estava mais assustada que ninguém.

Quando chegou ao Banco, disse a Big:

— Já vi como o povoado está cheio de trabalhadores. Suponho que não terás dito aos teus ajudantes para dispararem sobre esse indivíduo.

— Não gosto que duvidem de mim... — disse Big. — Afirmei que o mataria e assim será.

— Suponho que ela virá para presenciar a luta.

— Nada se pode fazer contra essa mulher, com toda essa gente aqui... Mas, se quiseres, defronta-te tu com ela!...

Era a primeira vez que a tratava com tal confiança e Dolly não protestou.

Pôs-se a passear pelo Banco, nervosa.

Viu pela janela um dos empregados, que haviam saído.

À medida que os dias passavam, estava mais isolada dos que tinham sido seus amigos de sempre.

E sentiu vontade de chorar. Compreendia que o seu ódio a Celeste motivara tudo quanto sucedera.

E desejou, como nunca, ver morta essa mulher.

— Já vêm aí! — ouviu dizer; e encaminhou-se para a porta. O trenzito de Celeste avançava ao princípio da rua. Mas dele desciam um pouco mais tarde Tom e Celeste. Ela era saudada pelos trabalhadores que a rodea-

ram. Big, que estava senhor de si, saiu para dizer a Celeste:

— Não deves querer muito a esse rapaz, porque deixaste que me desafiasse...

— Fê-lo sem eu saber... Mas, desta vez, Big, encontraste o que não esperavas... Vais morrer! — disse Celeste.

Big desatou a rir às gargalhadas.

— Onde está? Vão sendo horas — disse.

— Veio antes de mim!... Claro, suponho que não o viste, porque se assim fosse, tu já não estarias na cidade...

— Parece-me que tenta pôr-te nervoso — disse Dolly, que não queria deixar de insultar Celeste.

— Isso não é fácil e ela conhece os homens... — replicou Big

— Dentro de minutos, me dirão os dois...

E Celeste fez caminhar o cavalo, para se afastar do Banco.

— Cuidado, amiga!—avisou um trabalhador a Dolly, vendo como ela mirava Celeste... — Não está sòzinha aqui... E temos várias cordas preparadas...

Dolly, assustada, meteu-se no Banco.

Os trabalhadores colocaram-se de ambos os lados da rua por onde tinha que aparecer Stephen.

Os quatro ajudantes estavam vigiados de perto e eles perceberam o facto, o que os pôs nervosos.

Meteram-se no armazém de Jonas.

Mas este achava-se tão nervoso como eles.

— Suponho que não tentareis nada — disse-lhes.

— Não somos tão doidos!...

De acordo com Stephen, minutos antes da hora mar-

cada, passou pelo meio da rua um dos trabalhadores que Big conhecia e disse-lhe:

— És tu? Tens que estar doido, uma vez que me conheces!

— Eu não sou! — disse o trabalhador.

Big sorria.

— É a hora — gritou por fim. — Onde está o teu campeão, Celeste?

— Aqui estou, Big — exclamou Stephen, aparecendo entre os curiosos. — Não tenhas tanta pressa de morrer.

Big, com o rosto como a neve, começou a retroceder para o Banco, de onde tinha descido.

— Não!... — disse. — Tu, não!

— Não fujas, Big! Disseste que ias matar-me... — exclamou Stephen.

— Não! ...Não!... Não me mates!... Não sabia que eras tu...

E Big pôs as mãos ao alto.

Dolly espezinhava tudo dentro do Banco.

— Tens que honrar o compromisso que tomaste com a tua patroa — disse Stephen.

Os trabalhadores, que conheciam Big, não compreendiam aquilo.

— Juro-te que não sabia que eras tu... Ter-me-ia ido embora desta cidade... É certo que Dolly me ofereceu um bom prémio se te matasse a ti e a Celeste... Mas ignorava que fosses tu... acreditei no que me disse, de que fazias batota no jogo...

— Não tiveste inteligência para mentir... Continuas tão cobarde como sempre! Mas não sabes mentir. Ofereceram-te dinheiro para deixares o caminho livre a essa louca... Por isso ela te fez xerife. E até é possí-

vel que te oferecesse casar contigo... Faríeis um belo par de cobardes e «vantagistas»! Ela deve estar escutando e assim ficará sabendo que no tambor das minhas armas há uma bala com o seu nome que lhe há-de entrar pela testa...

Dolly estava aterrada.

E saltou por uma das janelas que havia na parte traseira do edifício, para fugir de ali.

Devia tratar-se de um homem terrível para Big estar tão assustado.

— Não me mates!... Irei para longe de aqui... Farei tudo o que quiseres, mas não me mates — implorava Big.

— Juntaram-se todos para ver a nossa luta... Não os podes defraudar... Disseste lá nas obras do caminho de ferro que não havia na União quem te pudesse igualar com um «Colt» na mão. E até mataste alguns... Agora é o momento de demonstrar que era certo quanto disseste...

—Não posso defrontar-me contigo... Poderias brincar comigo... Sei que és muito superior a mim... — dizia Big sem baixar as mãos...

— Tens que fazê-lo, Big... Vim decidido a matar-te... E assim farei, quer te defendas, quer não!

— Não me mates!... Ir-me-ei... Irei para longe!... Não podia adivinhar que fosses tu quem se havia apresentado sem armas...

— Já te disse, Big, que vim para te matar! Há muito tempo que desejava ver-te assim, na minha frente ...Mas sem levantar as mãos para estarmos em igualdade de condições. O temido Big fazendo frenté ao delicado Stephen... A vantagem está do teu lado... Não

deves ter medo!... Lembras-te do que disseste quando mataste o meu sócio em Bannack?

— Não faças caso do que te disseram!... Defendi-me... Ele quis matar-me...

— És um embusteiro!... Baixa as mãos, Big, porque te vou matar de qualquer modo.

— Não podes fazê-lo estando assim... Nunca mataste ninguém indefeso... Não podes fazê-lo comigo...

— Baixa as mãos! — ordenou Stephen.

— Se não quer lutar, deixa-o ir-se embora — pediu Celeste.

— É um assassino! Matou várias pessoas que estavam como ele está agora. E abusou sempre da sua fama cruel.

— Mudei, Stephen... Estava a trabalhar na construção do caminho de ferro...

Os circunstantes viram Big a chorar. . .

— E tentaste abusar de Celeste!... — continuou dizendo Stephen. — Depois foste com outros, decidido a matá-la a ela e a um rapaz muito jovem... És um cobarde assassino! Não tenhas ilusões, vou-te matar. Não quero que continues a fazer dano por onde passares... Sabes quem são os que fizeram o assalto da diligência?

— Não sei nada disso, mas parece-me que foi obra de Dolly, assim como a morte desse Spengler, de que tínhamos que culpar Celeste e um tal James... Dizia Dolly que devíamos falar da circunstância suspeita de teres aparecido precisamente no dia do assalto! Queria incluir-te na responsabilidade...

— E tu prestavas-te a isso? — disse Stephen, mais zangado...

— Tinham-me oferecido uma quantia importante... E não sabia que eras tu...

— O que quer dizer que, se fosse outro, o terias comprometido e enforcado...

— Eu não queria fazer-te dano a ti!... — disse Big, sempre a chorar.

— Ias matar uma mulher que não te fizera mal nenhum...

— Deixa-me partir, Stephen!... Prometo-te que irei para muito longe!... Fizeste-me chorar!...

E Big baixou as mãos com naturalidade, como para puxar de um lenço.

As armas de Stephen dispararam várias vezes contra o corpo, que não caia, de Big.

Na mão direita deste via-se um «Colt» que levava escondido na jaleca.

A rapidez dos tiros surpreendia os circunstantes.

Por fim, Big caiu no solo, com doze balázios no corpo.

— Foi traidor até ao último momento! — disse Stephen carregando novamente as suas armas.

— É maravilhoso! — exclamou Tom, entusiasmado.

— É terrível quando se zanga! — disse Celeste.

## IX

Jonas, ouvindo os tiros, assomou à porta de sua casa, e vendo Stephen de pé, desapareceu do armazém.

As testemunhas elogiaram o que Stephen fizera.

— Teria enganado outro que não fosse ele...—diziam uns.

— Mas esse rapaz conhecia-o bem... E até demasiado bem porque só disparou, quando ele tentou a traição!

Rodeado de admiradores, foi para o armazém, onde estavam os quatro ajudantes de Big.

Miravam Stephen e este, ao ver as estrelas dos quatro disse:

— Porque não presenciaram a luta? Tinham medo?

Os quatro, com a consciência da superioridade numérica, animaram-se para responder:

— Não temos medo de ninguém! Parece que soubeste triunfar... Suponho que soubeste aproveitar vantagens — disse um.

— Podes perguntar a estas testemunhas... — indicou Stephen, sorrindo.

— Eles dirão o que quiserem... Mas devia ter-nos escutado... Matar-te-iamos entre todos mas cometeste a parvoíce de vir a esta casa.

— É uma alegria para vocês poderem fazer aquilo de que Big não foi capaz, não é verdade?

— Já que perguntas, responder-te-ei — disse outro — que assim é... Agora não poderás escapar!

— Não acham que são demasiados cobardes os quatro?

A resposta foi irem os quatro às armas.

Era um espectáculo muito estranho ver as convulsões dos quatro corpos ao serem alcançados pelas balas de Stephen.

As testemunhas olhavam Stephen amedrontadas.

— Não deixa ninguém com vida! — disse um...

— Quando dispara, fá-lo várias vezes tão seguidas que na realidade parecem apenas uma, mas já vês... Voltou a ficar sem munições... Mas não faz sofrer as suas vítimas...

— A que vem esta epidemia de suicídios? — perguntou Stephen. — Há mais algum?

Ninguém respondeu.

— Quem serve aqui?...

Deram conta de que o «barman» tinha desaparecido também. Tiveram de servir-se eles mesmos, deixando sobre o balcão a importância da bebida.

Celeste e Tom tinham ficado na rua e, quando ouviram os disparos, o pequeno Tom disse:,

— Foi ele... É a sua maneira de disparar. Não há mais ninguém que o faça com tamanha rapidez...

E correu para o armazém.

Quando soube o que se havia passado, exclámou:

— Lamento não ter visto o caso... Eram quatro e morreram todos!... E já tinham os «Colt» empunhados!

— Foi superior aos outros! — comentou uma teste-

munha a seu lado. — Não creio que se tenha dado outro caso desta rapidez na União.

Stephen saiu e juntou-se a Celeste.

— Quando quiseres, podemos regressar a casa...

— Agora mesmo...

E meia hora mais tarde já tinham marchado todos os que haviam ido à cidade presenciar a luta.

Vários vaqueiros seguiram para o rancho de Dolly e outros para os de Jonas e Reckon.

Dolly saiu ao encontro dos que chegavam.

— Que se passou? — inquiriu.

— Não podes fazer ideia de nada parecida! Que maneira de disparar! Matou os cinco!... Big e os quatro ajudantes.

E explicaram pormenorizadamente o sucedido:

— E disse que tem uma bala para ti... Não te defrontes com ele!

— O que deves fazer — sugeriu outro — é saíres daqui durante uma temporada... Esse indivíduo matar-te-á, se tu não o matares a ele...

Dolly concordava com o que ouvia. E, embora não dissesse nada, estava decidida a ausentar-se uns tempos dali.

Os que foram para o rancho de Reckon e lhe comunicaram os acontecimentos, obrigaram-no a exclamar:

— Foi o resultado da loucura de Dolly e de lhe termos feito o jogo. Não penso em permanecer aqui. Esse rapaz saberá que a temos ajudado e nos irá eliminando pouco a pouco... Primeiro um, mais tarde outro...

— Jonas foi-se embora aterrado por ver como o

corpo de Big se mexia, por causa de disparos tão seguidos... Antes de cair no sólo recebeu toda a carga dos dois tambores... E o mesmo fez com os outros quatro — disse o informador.

— Vou visitá-lo... Também falarei com Dolly para se ir embora daqui.

Mas, quando Reckon chegou a casa de Jonas, este, que tinha sido informado do que se passara no seu armazém, tinha-se ido embora, sem que no rancho soubessem a direcção que tomara.

Dolly, quando ele chegou ao seu rancho, também não estava.

E, como não queria ver-se sòzinho em frente de um homicida como Stephen, decidiu partir por sua vez.

O xerife, quando regressasse à cidade, se encarregaria novamente da placa...

Tinha partido para a capital.

★

Passaram-se duas semanas e Stephen, que tinha partido para a sua mina com Tom, que o acompanhou gostosamente, regressou outra vez para fazer uma visita a Celeste.

A jovem não podia ocultar quanto a alegrava vê-lo.

E passearam durante alguma horas pelo campo.

Os empregados e clientes, que já eram muitos, por estarem mais próximas as obras do caminho de ferro, comentavam este facto.

—Parece-me que está enomarada dele... — disse um dos empregados.

— É um grande rapaz, quando não empunha as armas... — disse outro.

— Só ela o pode dominar... Porque ele está tão enamorado como Celeste.

— Gostaria de conhecer a história deste rapaz...

— É preciso haver uma grande força de vontade para andar sem armas, quando se tem umas mãos como as dele...

Eram assim ou deste estilo os comentários que se faziam aos dois jovens.

Já eram poucos os que se recordavam de James e dos seus amigos, a quem imaginavam muito longe.

Mas um dos trabalhadores disse que os havia visto na cantina do caminho de ferro.

Era ali que iam buscar o que precisavam.

Celeste, quando teve conhecimento disto, perguntou ao informador:

— Estás seguro de que são eles?

— Assim o creio... E esse James só diz mal de ti e desse rapaz tão alto... Afirma que se apresentará qualquer dia para demonstrar que tudo quanto se diz dele é mentira.

— Não gostaria que ele provocasse Stephen... James é também um bom pistoleiro e tenho medo que recorra a algum truque... Se for um combate nobre, parece-me que não há nada que temer... Mas Leonel e Mark são piores do que ele...

— Não creio que se passe nada se ele os vir de frente e dispuser de armas...

Celeste ficou preocupada.

— Tiveram sorte com a mina? — inquiriu Celeste.

— Parece que manobram mais dinheiro — comentou o trabalhador.

A forma como o disse indicava que na cantina do caminho de ferro suspeitavam deles.

Mas Celeste não se deu por convencida.

Nem queria defendê-los abertamente, nem se atrevia a perfilhar esses temores.

De James quase asseguraria que não se faria um bandido, mas dos outros dois estava certa de que já o haviam sido.

Stephen foi informado de tudo isto. Mas não fez nenhum comentário.

Tinha ido depositar dinheiro, quer dizer, ouro, no Banco; mas em virtude da atitude de Dolly para com ele não se atrevia a fazê-lo ali e propôs a Celeste que fosse com ele a outra cidade mais distante.

— Agradar-me-ia dar uma volta pela capital — disse ela. — Que te parece se fôssemos até Boise? Há diligência amanhã.

— Concordo — disse Stephen. — Encarregas-te de levar tu o ouro na tua bagagem. Não quero chamar a atenção.

Mas a viagem ia ser demorada.

Nessa mesma noite apresentou-se Tom para dizer a Stephen que devia regressar à mina, onde tinham aparecido quatro indivíduos que queriam partilhar o que era deles.

— Tive de fugir — disse. — Ameaçaram disparar sobre mim.

— E Wilson? — perguntou Stephen.

— Partiu para o Forte!... Eu vim buscar-te!...

Celeste espiava o olhar de Stephen, que nada reflectia.

— Bem... Nós íamos partir esta noite... — disse Stephen.

Minutos depois pedia a Celeste um bom rifle e munições.

— São trabalhadores do caminho de ferro? perguntou Celeste a Tom.

— Não sei... É possível que sejam, porque houve uma brigada próximo do nosso refúgio e puderam ver-nos durante o dia — respondeu ele.

— Foi boa ideia teres trazido o ouro! — disse Celeste a Stephen.

— Estiveram a revistar o refúgio e remexeram tudo. Até cavaram debaixo das camas... — disse Tom.

Celeste deu um rifle a cada um.

Stephen afivelou o cinturão com as armas e montaram os dois a cavalo.

Caminharam durante a noite tôda pelos caminhos mais abruptos. Era já quase de dia quando avistaram do alto o refúgio deles.

— Este é um bom sítio para observar — disse Stephen, apeando-se.

Esconderam os cavalos onde podiam pastar sem ser vistos e sentaram-se os dois para vigiar.

O sol já ia alto quando viram os quatro em frente da casa que Stephen havia construído com troncos e ramos de árvores, oculta entre os rochedos e sobre um enorme precipício cuja boca se divisava dali tènuemente.

— Aí estão os quatro... — disse Tom.

Tirou da manta que fora buscar ao cavalo um binóculo e esteve olhando.

— Não os conheço — disse. — Mas não há dúvida de que estão dispostos a apoderar-se do que é nosso...

— Queres que nos acerquemos mais e disparemos sobre eles?

— Faremos isso esta noite... De dia estaremos a tiro de rifle desses ladrões... Não te preocupes... Só eu dispararei.

Tom guardou silêncio.

— Não é que me falte confiança em ti — acrescentou Stephen, sorrindo — é que não quero que se me escape nenhum e parece-me que dispararei mais rápido do que tu...

Esta explicação tranquilizou o rapaz.

Durante todo o dia esteve a observá-los, familiarizando-se com aquelas caras.

Viu-os ir para a mina e trabalharem nela.

Provocaram duas explosões com a dinamite que ele tinha levado.

À noite, os dois avançaram sem levar os cavalos.

Quando chegaram ao lugar escolhido por Stephen, deitaram-se a dormir.

Quando acordaram o sol ia bastante alto.

— Deixámo-nos dormir — disse Stephen, agarrando no binóculo.

Depois de uns minutos de observação, exclamou:

— Só está lá um... Os outros devem ter ido a qualquer parte... Vamos aproximar-nos...

— Sem dúvida levaram o ouro que arrancaram ontem com as explosões. Devem ter ido certificar-se se é ouro do bom... — disse Tom.

— Creio que acertaste. Bem, aproximar-nos-emos, para falar com esse...

E Stephen dava o exemplo de como devia caminhar-se para não fazer o menor ruído.

Duas horas depois estavam a tiro de pistola do que se achava na mina.

Tom avançou lentamente, com instruções de Stephen, que ficou de vigia, com o rifle preparado.

E o rapaz operou tão bem, que se acercou sem que o outro desse por ele, e com um «Colt» em cada mão, gritou:

— Levanta as mãos!

O surpreendido obedeceu imediatamente, tanto mais que não via Tom, por este estar atrás dele.

Stephen, que o ouvia perfeitamente, sorria...

— Escuta, nós não...

— Põe as mãos sobre a cabeça e cruzadas...

Quando obedeceu, Tom olhou Stephen, que se acercava...

— De modo que haveis adquirido esta mina — disse Stephen — por um preço bastante aceitável para vós... Não é assim?

— Fomos enviados pelo dono da cantina. Quer dizer, o encarregado que Wolf tem neste troço. Ele disse que havia falado convosco e que nos apresentássemos aqui...

— Por surpresa, não é verdade? — disse Stephen.

— Bem vês que não matámos este rapaz, nem o outro...

— Em troca, vou-te enforcar... Onde estão os outros três?

— Estou eu sòzinho aqui há vários dias.

— Já não te recordas de que foi ontem que expulsaste este?

— Eu só estive de vigia dois dias...

— Continuas a mentir... Tira uma corda, Tom!

Este mexeu-se para cumprir a ordem e o que tinha as mãos na cabeça baixou-as.

Mas não pôde fazer o que tencionava.

O rifle de Stephen trepidou várias vezes.

Tom não podia explicar como era possível fazê-lo disparar a tal velocidade.

— Agora é preciso vigiar quando chegam os outros... Pela forma como este falava, esperava que não se demorassem muito. Tentava ganhar tempo — acrescentou Stephen.

Enterraram o morto próximo da mina e puseram-se de vigilância num sítio escolhido por Stephen.

Foi ao anoitecer que apareceram mais três, mas não eram os que Tom tinha visto no dia anterior.

— Onde se terá metido esse palerma?

Detiveram-se por não ver ninguém e um deles disse:

— E se tivessem vindo os donos da mina? Não me agrada o que Joe quer — manifestou outro.

— Não nos teriam deixado chegar até aqui... O que devemos fazer é matar esses dois, que ao altarranas o arranjaremos nós...

Tom, sorrindo, fitou Stephen.

— Alex!... — gritou um deles.

As armas de Stephen soaram váras vezes e os três ficaram com os braços partidos.

— Olha... Olha! Eram vocês os que queriam tomar-me à vossa conta?

O terror dominava-os.

Não podiam articular uma só palavra.

— Três cordas, Tom! Temos função de gala esta tarde — disse Stephen.

— Não deves matar-nos a nós. Foi obra de Joe. Ele ofereceu-nos metade do ouro que tirássemos...

— Quem foi o primeiro que nos viu trabalhar?

— Foi este — respondeu um. — E disse-o a Joe. Nós trabalhamos com ele na cantina.

— Porque não nos mataram?

— Tu não estavas quando viemos ontem... Nós ficámos a vigiar...

— Então a razão de não matarem estes foi a de eu poder descobrir-vos pelos disparos... Mas pensavam matar-nos de qualquer modo... Estavas protestando porque os outros não o fizeram... Encontraste as cordas, Tom? Por detrás da porta há várias...

— Não nos mates! Os outros matar-vos-ão quando virem que não voltamos... São muitos e não podem falhar!

— Não te preocupes connosco. Asseguro-te que na cantina vai ficar uma boa recordação nossa... — disse Stephen.

Tentaram mexer os braços, mas os disparos haviam-nos inutilizado por completo.

Sem fazer caso dos protestos, Stephen enforcou-os.

— E agora vamos à cantina... Eles não me conhecem a mim. Mas eu conheço-os a eles e sabemos que o chefe deste roubo é um tal Joe, encarregado da cantina... Tu não poderás entrar... Reconhecer-te-iam imediatamente.

Tom não dizia nada.

— Além disso, vão por lá agora os teus antigos companheiros de trabalho... Não quero cometer nenhuma asneira!

— Estou desejando vingar-me de James...

— Será melhor que, em seu dia, o faça eu... Parece que deseja ver-me na frente...

Tom não insistiu.

## X

Em dois dos cavalos que lá havia marcharam para a cantina, à qual chegaram já entrada a noite.

— Espera-me aqui... — disse Stephen.

— Está bem, mas toma cuidado. Hão-de ser muitos.

— Trata de não se acercarem demasiado os cavalos. Não quero que os reconheçam.

Poucos minutos mais tarde entrava na cantina, que abarrotava de fregueses, os quais falavam de mil coisas diversas.

Tratou de se aproximar do balcão, coisa não muito fácil e dependente de todos.

Viu umas mesas em que se jogava e olhou para elas com interesse.

Não tardou a descobrir os três que vira com o binóculo dias antes.

Dois jogavam uma partida e o outro estava na mesa imediata.

Encaminhou-se para eles.

Havia muitos curiosos vendo jogar. Uniu-se a eles, observando os três.

Tinha de fazer um grande esforço para não disparar sobre eles. Mas interessava-lhe tanto ou mais o chamado Joe.

Deixou que continuassem jogando e acercou-se do balcão.

Depressa soube quem era Joe.

O seu aspecto não podia ser mais enganador. Tinha sempre um sorriso nos lábios.

Bebeu um «whisky» e daí a pouco um cliente dizia:

— Joe... É certo o que se diz de teres descoberto uma mina de ouro?...

— Quem te falou nisso? — inquiriu Joe, aborrecido e mirando o que falava.

— Disse-o Alex ontem à tarde — respondeu o interrogado.

— Pois não faças caso de quem costuma beber mais do que a conta... Alex devia estar borracho!

— Não estava... Afirmava que há muito ouro nela... E não deverias ocultar o que interessa a todos. Será melhor do que trabalhar no caminho de ferro... Tu já tens esta mina.

—Isto não é meu... Bem sabes que é do senhor Wolf — disse Joe.

— Vigiaremos Alex e todos os outros... Não julgues que nos vais enganar!

— Isso é chamar-me embusteiro, não é verdade?

E, sem que Stephen o pressentisse, Joe disparou sobre o que tinha duvidado dele.

— Não sabe que não se pode insultar ninguém? Agora aprendeu-o para sempre!

Olhavam em silêncio o cadáver que estava ao pé do balcão.

— Serão os trabalhadores do caminho de ferro uns cobardes que permitam este crime? — disse Stephen,

com voz vibrante. — Há motivos de sobra para te enforcar.

Joe olhava Stephen com atenção.

— De onde vens tu, que não te conheço? — perguntou Joe.

— Isso não é o que importa agora, mas que és um assassino a quem vamos enforcar.

Vários dos que estavam jogando puseram-se em pé e abriram passagem por entre os curiosos.

Stephen, que estava seguro de que isso havia de suceder, achava-se situado de forma que os dominava.

E não tardou a ver na primeira fila os três que lhe interessavam.

— Que se passa? — perguntou um dos três.

— Este indivíduo, que eu não conheço e que deve ter bebido de mais...

— Eu disse que és um assassino e há várias testemunhas que podem confirmar o que disse. Mataste-o porque te falou de uma mina... Disseste, porventura, a todos estes, que roubaste essa mina? Não esperes por Alex nem pelos outros três que mandaste para matarem os donos!... Enforquei-os lá. Um, antes de morrer, disse-me que eram ordens tuas. A esses três vi-os ontem provocando expolsões na mina!... Surpreende-os isto?

Os presentes olhavam para os indivíduos indicados, seguros de que era certo o que deles se dizia.

— Nós? — disse um dos três.

— Sim, vocês... Aqui devem saber que ontem não estiveram na cantina... e não creio que fosse costume faltarem!...

— Pois é certo que não estiveram aqui ontem e que

esta manhã falaram de uma mina de ouro — exclamou uma das testemunhas.

— Não deves meter-te nisto — disse Joe ao que falara.

— Não te preocupes com os outros — disse Stephen. — Deves preocupar-te comigo... Disse que te vou enforcar, embora o faça depois de te matar, claro está!

— Parece-me, Joe, que tens razão — disse um dos três. — E parece que se obstina em ser tratado como corresponde a quem insulta como ele!

Mas não conheciam Stephen para falar assim.

As suas mãos moveram-se com a rapidez característica nele e os quatro corpos tiveram chumbo como lastro.

Ninguém incomodou Stephen.

Apenas um disse:

— Se soubessem que espécie de inimigo és, não te haviam roubado a mina!

— É o melhor meio de fazer respeitar a propriedade alheia — disse Stephen, saindo.

Não queria permanecer ali enquanto tivesse as suas armas descarregadas.

Tom acercou-se da porta ao ouvir o tiroteio.

Estava certo de que era obra de Stephen. Só ele era capaz de disparar com aquela velocidade.

Por isso, ao vê-lo, sorria.

— Agora, vamos ver Celeste... Há-de estar inquieta — disse Stephen.

Montaram os dois a cavalo e encaminharam-se para o «Lucky Boy».

Pouco depois de sair Stephen e enquanto se faziam

comentários sobre a sua exibição de morte, entraram Leonel e James.

Ao ver o grupo que contemplava os cadáveres, James perguntou:

— Que aconteceu aqui?

— Mataram Joe e esses três... —responderam.

Deram-lhe pormenores do que sucedera.

— Se é certo que lhe tinham roubado a mina, fez bem — disse James.

— Disso não há dúvida... E parece que matou mais quatro na mina...

— Joe não teve sorte desta vez. Esse altarrão sabe disparar como não vi ninguém, nem creio que tenha havido outro igual na União.

— Disparou tão ràpidamente que, antes de cair no solo, encaixou todo o chumbo dos dois «Colt» — disse outro.

— Há-de ser o que esteve em casa de Celeste... Fez o mesmo na cidade — comentou Leonel.

James estava pensativo.

— E Mark, que foi procurar-te ao «Lucky Boy»!... Teve sorte — acrescentou Leonel, porque todos concordam em que é algo extraordinário. E tinha uma mina de ouro! Há-de ser o mesmo...

— Pois hei-de matá-lo! — disse James.

Não sejas louco — aconselhou Leonel.

— Quem julgas tu que eu sou? Não me tens visto disparar?

— Falo pelo que oiço — exclamou Leonel.

Mais tarde, Leonel perguntava ainda aos que tinham

assistido ao conflito. Todos estavam assombrados do que haviam visto

— Quatro avançaram para ele e eram velozes os quatro; já o tinham demonstrado várias vezes... Nenhum deles pôde disparar... As mãos desse indivíduo movem-se mais ràpidamente que a luz — disse um.

Leonel mirava James.

— Farei por descobrir essa mina para o ver!... disse James. — Não deve ser longe porque a encontraram os que mal saem desta cantina.

— Não o devias fazer, James.

— Não ouviste dizer que ele e Celeste estão enamorados um do outro? Hei-de matá-los a ambos.

— Deixa essa mulher tranquila... Não se portou mal connosco. Quando te vir e lembrando-se do caso de Tom, disparará sobre ti...

— Isso é se eu deixar... — disse James. — Creio que, por fim, me vou pôr de acordo com Dolly para acabar com ela...

— Estás louco, certamente.

— Cala-te Leonel, ou mato-te a ti também!

Leonel teve medo e não respondeu nada.

James estava pensativo.

— Daria parte da minha vida para o ter agora mesmo na minha frente... — exclamou James.

Separaram-se e Leonel saiu parla montar a cavalo e dirigir-se para o «Lucky Boy», para avisar Celeste do que James se propunha fazer.

Na sua preocupação, James não se lembrou de Leonel e, muito tarde, saiu da cantina depois de haver bebido demasiado «whisky».

★

Celeste viu entrar Mark, que a contemplava com interesse e atenção.

Ela, temendo que entrassem atrás dele os outros dois, estava com atenção à porta.

— Olá, Celeste! — saudou Mark. — Há que tempos não nos vemos...

— Olá!

Não julgues que deixei de ser teu amigo... Não vim mais cedo, por causa do que se passou entre Tom e James. Este pôs-se louco naquela noite, mas já sabes que estimava o pequeno. Soubemos que se curou e está completamente bem. Parece que se vai com aquele que me sovou. Ainda me lembro dos socos... Tem punhos fortes.

— James não é o que eu pensava. É um assassino frio e «vantajista». Podes dizer-lho quando o vires.

— Não fales assim, porque está a espiar-te da rua — disse Mark, que queria especular com a farsa de que não tinha ido sòzinho.

— Não me importa... Dir-lho-ei quando entrar, se é que se atreve a fazê-lo.

— É certo, Celeste, que esse rapaz que andava sem armas, afinal era um bom pistoleiro? Por que não as tinha naquele dia? Tê-lo-ia morto...

— Não me faças rir, Mark... Faria contigo o que quisesse... — afirmou Celeste.

— Parece que estás muito segura, mas não sabes o que somos capazes de fazer James e eu, quando se trata de manejar o «Colt»... Não anda por aqui esse valente?

— Graças a ele não estar aqui é que tens podido falar tanto... — disse ela.

— Não acredito... Deves tê-lo escondido no teu quarto... Podes dizer-lhe que saia...

— Já te disse que não está... Foi à mina... Tom veio buscá-lo.

— Posso beber alguma coisa? Mas hás-de servir-me tu... Não quero deixar-te atrás de mim.

— Não pensas nos meus empregados, que, a um sinal meu, te matariam, se eu quisesse?

— James e Leonel se encarregariam deles.

— Esqueceste esses dois quando disseste que não me querias atrás de ti... Não sabes mentir, Mark... Mentes muito mal! Podes beber e procura não fazer maluqueiras das quais não é possível uma pessoa arrepender-se...

Mark sentiu-se «apanhado» e disse:

— Tens razão .. Vim sòzinho... Quero que voltemos a ser amigos outra vez...

— Não fui eu que deixei de o ser... A cobardia de James é que vos afastou de aqui...

Naquele momento, Tom parou junto da janela e disse a Stephen:

— Olha... É Mark que está a falar com Celeste... Hão-de estar os outros também!...

Os dois olharam com atenção durante uns minutos.

— Está só... — disse Tom.

— Vamos pela cozinha para nos informarmos antes de entrarmos no salão — propôs Stephen.

E assim fizeram.

—Veio sòzinho... — disse o cozinheiro. — Estamos a vigiá-lo e temos observado a rua desde que ele entrou.

— Entra tu primeiro — disse Stephen.

Tom entrou, olhando para Mark, que não o havia visto. Aquele mirava-o com ódio.

Celeste ao dar por Tom, fez sinal a Mark.

— Olá, pequeno! — disse Mark. — Alegra-me que não fosse nada o que James te fez.

— Disparou para matar — disse Tom — e o ferimento foi grave. Salvei-me graças a Celeste.

— James estava furioso naquela noite... Percebeu que esta se estava a enamorar de quem parece que tem demonstrado ser um bom pistoleiro...

— Como não fazes ideia, Mark! Se naquela noite dispusesse de armas, matava-te com mais facilidade do que eu esmago uma formiga...

— Tu não sabes do que eu sou capaz, pequeno! Nunca me viste manejar o «Colt»...

Tom fitou Mark.

— Tinhas medo de James! E é muito inferior a Stephen!

— Não deves assustá-lo, Tom... É possível que ele prefira falar comigo.

Mark viu Stephen e percebeu que já não lhe era possível vantagem de nenhuma classe, nem surpresa.

— Ah!... — disse com naturalidade. — Estás aqui?

— Parece que falavas de mim, não é verdade? — perguntou Stephen.

— Discutia com Tom, como antes o fizera com Celeste, sobre as tuas habilidades como pistoleiro... Afirmava-lhes que não concordo com o que eles dizem... Não posso esquecer que temos uma conta pendente e agora não é como naquela noite... Vens armado!

— Por desgraça para ti, assim é — disse Stephen.

Tom afastou-se de Mark para dar liberdade de acção a Stephen...

— Falas de tal maneira que parece considerares certo isso que dizem: que és superior a nós.

— Não levarás muito tempo a apreciá-lo de um modo triste para ti — disse Stephen.

Mark olhou com naturalidade para a porta, exclamando:

— Não, James... Isto é só comigo!...

Mas Stephen não caiu na armadilha. Quando viu moverem-se as mãos de Mark, as suas demonstraram do que eram capazes.

E viu Tom outra vez um corpo que ia de um lado para o outro até desabar sem vida e cheio de chumbo.

— Não quis acreditar-me... — disse Celeste. — Veio para te matar...

— Não pensemos mais nisso — atalhou Stephen.

As testemunhas observavam agora Stephen, que se renunciava. E uma delas disse:

— Porque disparou tantas vezes? Nem dei conta...

— É que dispara com uma velocidade inconcebível — comentou outro. — Foi como no caso de Big...

Celeste levou Tom e Stephen para os seus aposentos.

— Precisas de ter cuidado... James não tardará a apresentar-se... — disse Celeste.

— Podes estar segura de que será recebido com todas as honras — afirmou Stephen.

## XI

— Já sabes a notícia, Celeste?

— Qual?

— Wilson apresentou-se na cidade e disse quais foram os assaltantes da diligência... Foi a irmã quem tudo planeou. Queria que o matassem e culpar-te disso, bem como a James...

— Dolly deve estar furiosa... — disse Celeste.

— Já não pode enfadar-se mais... Foi enforcada com Jonas e Reckon, que estavam combinados com ela para ficar com estes terrenos.

— É possível?...

— Sim... Foi o xerife que levantou o povo, ajudado por Wilson, que mostrou a cicatriz da ferida que lhe fizeram. Spengler conheceu os assaltantes e Dolly deu ordem para que o matassem.

— Estava louca essa mulher! E alegro-me de não ter sido eu quem a matou — disse Celeste.

Horas depois, chegavam o xerife e Wilson, para dar conta do que se havia passado.

— Eu sabia — declarou o xerife — que tinhas razão desde o primeiro dia... mas Dolly enganou-me a princípio... Nunca supus que fosse tão má.

— É que tinha perdido o juízo — opinou Celeste.

— És demasiado boa com a sua memória — disse Wilson. — Era má... cruel... Mandou-me assassinar para ficar com o Banco e com o rancho...

Celeste convidou-os para beber.

Estavam todos sentados à mesa, quando apareceu Tom, que saudou Wilson carinhosamente.

E, conversando, não não deram pela entrada de James e de Leonel.

Tom ficou-se a olhar para eles atentamente.

— Olá! assassino! — disse.

— Olha, pequeno!... Salvaste-te por milagre daquela vez... Não esperes que falhe agora novamente... foi a primeira vez que falhei na minha vida...

— Chamei-te assassino e é o que és... Disparaste por surpresa e a matar porque eu confiava em ti... Mas agora não estou descuidado... Não julgas que te será fácil surpreender-me como então!

Celeste olhava Tom com angústia.

Sabia que Stephen tinha ido à mina. E temia pelo pequeno.

— Não és tu o que me interessa — disse James. — mas esse tal teu amigo. Dizem que matou Mark sem vantagem. Não o acreditaria, nem mesmo que o visse!

— Também não acreditas que eu te vou matar — avisou Tom.—Consideras-me demasiado lento. Mas passaram algumas semanas e tenho-me exercitado. Já era tão rápido como tu antigamente... Agora sou superior a ti, porque tive um mestre extraordinário...

Celeste não queria intervir, mas estava cada vez mais assustada.

— Não te canses, Tom! — gritou James. — Vim para matar o amante dessa perdida e...

As mãos de Tom moveram-se com uma rapidez assombrosa e o «pequeno» disparou a carga dos seus dois «Colts», como havia visto fazer a Stephen.

— Consegui!... Meti todas as balas nos seus corpos, antes de cairem mortos! Eram dois cobardes que vinham dispostos a assassinar Stephen!...

Celeste, chorando de alegria e de emoção, abraçou Tom.

— Custa-me a crer... Tu é que os mataste...

— Não me pude conter ouvindo-o insultar-te a ti e a Stephen!

As testemunhas estavam assombradas e o xerife disse:

— Creio que chegarás a superar Stephen... Não gosto disso... Tens que mudar, Tom...

— Andarei sem armas no futuro... Sonhava com o castigar esse cobarde!

*

— Recordas-te do «Lucky Boy»? — disse, em Nova Orleães, Celeste a seu esposo.

— Lembrar-me-ei sempre, apesar de já terem passado mais de dez anos... — E acrescentou:

— Ouviste o que diziam ontem na reunião?

— Não.

— Referiram-se a ti e comentavam que te assustarias se tivesses que utilizar um desses «Colts» que traziam alguns que vinham do Oeste... Consideram-te um ser extraordinàriamente delicado.

Os dois desataram a rir.

— Aquele pistoleiro que conheceste ficou enterrado quando vendemos o «saloon» e a mina. Hoje és o que

querias ser e o teu esposo é um cavalheiro que não percebe nada de armas nem de baixezas!... Estás contente?

— Não de todo. Não quiseste contar-me nunca a tua vida...

— Isso não tem importância.

— Um momento cavalheiro! — disse um general do Exército, que estava na frente deles. — Nós conhecemo-nos, não é verdade?

— Julgo que não — respondeu Stephen...

— Essa voz... Não me enganei!... Stephen Lainerd... fizeste uma doidice em desertar... Não era verdade o que se dizia de ti... Procuraram-te por todos os sítios... Devias voltar ao Exército... E de teus pais, sabes alguma coisa?

Celeste viu o esposo a chorar e pediu licença para se retirar.

O general percebeu que ela não sabia de nada e contou o que, sem ter importância, levara Stephen a desertar quando era capitão.

Ele tinha pensado sempre que era um desertor. E isto lavara-o a ser um pistoleiro que procurava a morte nas lutas com os «desesperados».

— Stephen!... Vêm aí teus pais e, com eles, Tom... E é já tenente... Conseguiu-o!... Só ficou suspenso no manejo do «Colt»...

Stephen ria e chorava ao mesmo tempo.

FIM

# *Ultimas novidades da*

# AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

## COLECÇÃO PIMPINELA

Núm. 66 - Nylhama
A SUA MAIOR VITÓRIA

Núm. 67 - Vic Martin
O POÇO DAS QUIMERAS

## COLECÇÃO ROSA

Núm. 66 - Carlos de Santander
CHEGOU UM ESTRANGEIRO

Núm 67 - Víctor Sanmartín
O AMOR VENCE TODOS OS OBSTÁCULOS

## COLECÇÃO ANDORINHA

Núm. 52 - María Morgan
O PÁTIO DOS AMORES

Núm. 53 - Luis Masota
UM MILHÃO E UM NOIVO

## COLECÇÃO MADREPEROLA

Núm. 44 - María Morgan
PRISÃO SEM GRADES

Núm. 45 - Jesús Navarro
ORQUÍDEAS BRAVAS.

## COLECÇÃO CAMÉLIA

Núm. 26 - Matilde Redón Chirona
O SEU ÚLTIMO CAMINHO

Núm. 27 - Jesús Navarro
CINCO VIDAS

## COLECÇÃO ORQUÍDEA

Núm. 26 - Corín Tellado
DELICIOSA MENTIRA

Núm. 27 - Trini de Figueroa
A LOUCURA DE UM RAPTO

## COLECÇÃO SERVIÇO SECRETO

Núm. 66 - Mikky Roberts
FUMO DE MORTE

Núm. 67 - Peter Debry
VESTIU A PELE DO LOBO

## COLECÇÃO DETECTIVE

Núm. 52 - Silver Kane
RECORDA-ME AO MORRER

Núm. 53 - Keith Luger
EU, O ASSASSINO

## COLECÇÃO BISONTE

Núm. 66 - A. Rolcest
TERRA QUEIMADA

Núm. 67 - Mark Halloran
O HOMEM DE DODGE

## COLECÇÃO BUFALO

Núm. 44 - George H. White
NO MEIO DE DOIS HOMENS

Núm 45 - Keith Luger
CONSPIRADORES

## COLECÇÃO PÉROLA

Núm. 10 - Laura Denis
NOÉMIA, A ESCRAVA BRANCA

Núm. 11 - G. Colomer
O BASTARDO

## COLECÇÃO ARIZONA

Núm. 10 - M. L. Estefanía
EXIBIÇÃO DE MORTE

Núm. 11 - J. León
PISTOLEIRO DO TEXAS

Preço 8 Escudos